

AG EN DA

MÉRTOLA CULTURA

2021
julho
agosto
setembro



editorial_ 04

~

destaques_ 06

Candidatura M. 08
César Silveira

Residências Artísticas 10

Salomé Lamas 12

aprender & compreender 16

Fátima Durkee

Festival BA 22

Paisagens Sonoras 26

arte_ 50

exposições 51

Boiografias da Arte 52
António Gomes Anacleto

A nossa capa 56
Pierre Pratt

Programa Residências Artísticas 59

~

mértola, património de todos_ 60

Olhar de ...Manuela Barros Ferreira 61

28 _em andamento

Do Aberto ao Abismo,
Do Abismo ao Aberto

~

32 _teatro & cinema

33 foi aqui
porque há vidas que davam filmes e
filmes que marcam vidas
Ricardo Machado
cinema paraíso
João Antero
programação cinema & teatro

~

46 _música & dança

47 Ponham os ouvidos nisto!
"Os Cancros" por Marcos Veiga

48 Tocar & Andar

49 Programação de Música

64 _museu & arquivo

65 A história através dos objetos
Lígia Rafael

70 Arqueologia em construção
Maria de Fátima Palma e Bilal Sarr

75 aconteceu
Paula Rosa

76 memórias fotográficas

77 Centro de Documentação da
Mina de S. Domingos
Sara Ribeiro e Susana Gomes

78 Quem foi?
Mercedes Blasco

80 literatura

81 sugestões

82 espaço autor
José Luís Peixoto
Cristina Taquelim

86 prosas / Licença poética

87

~

88 arquitecturas a sul

89 Cine-Teatro da Mina
Rui Carvalho

mãos e manualidades 94

95

~

capacitar 100

Serviços Educativos 101

Viagem ao Centro da Terra

Sérgio Esperancinha

Aula Aberta 104

Primeiras Leituras

Cristina Taquelim e Paula Cusati

Biofoco 106

Polinizadores na Agenda Nacional

Sónia Ferreira

~

passa a palavra 108

Programa Bairros Saudáveis 109

~

sociedade recreativa 114

Jogar à Sueca 117

~

118 gastronomia e mercados

119 O ABC das plantas comestíveis,

120 aromáticas e medicinais

G de ... Girassol

Ass. Montícola_ Francisco de Sousa

124 A Origem dos Alimentos

figos passados com Rosa Maria Lourenço

126 Na mesa

Sopas de Cação

~

127 vá para fora cá dentro

Convento de Mértola

EDITO RIAL

AGENDA MÉRTOLO CULTURA



Rosinda Pimenta
Vereadora da Câmara Municipal de Mértola

O verão é de costume um tempo de regressos, de encontros e reencontros. Sendo este um lugar de muitas partidas é, também no reverso da moeda, um lugar de muitos retornos, sendo que estes últimos, tendem a ocorrer com mais frequência nesta época estival.

Quem daqui é natural, mas encontrou fora o meio de sustento, agenda por agora o regresso para o merecido descanso e, é neste regresso que acontece o momento arrebatador do

reencontro com o lugar. Por lugar entenda-se o lugar físico do chão; da casa; do monte; da igreja, capela ou ermida; da venda, café, taberna ou sociedade recreativa; do largo, da soalheira da porta, da estrada, da vereda, do caminho e da paisagem. Por lugar, entenda-se também o lugar sensorial do gosto da comida caseira; das vistas largas e horizontes; do bafo quente ou do fresco do rio sentido na pele; do silêncio do campo, do bulício da conversa, muita conversa; da festa e da buzina do carro do padeiro, peixeiro e demais vendedores ambulantes à sua chegada no largo do monte. Por lugar, entenda-se acima de tudo, o lugar dos afetos que é o abraço saudoso, o colo, o beijo, a lágrima, o riso e o espanto aclamado perante a criança, neto ou sobrinho que se nos apresenta tão crescida neste regresso!

A estes reencontros proposi-
tados, junta-se, ainda, o po-
tencial arbitrário dos outros
encontros: os do acaso, felizes,
inesperados, surpreendentes.
Os sujeitos deste encontro são
os visitantes, a gente de fora,
os que estão de passagem e os
que cá chegam em temporada
e, aqui, se encontram conosco
e com os outros visitantes,
turistas e demais forasteiros.
Nestes esporádicos acasos, por
vezes surpreendem-se amigos
e almas (gêmeas) que a vida,
incauta lá atrás, apartou. Por-
que "a vida é (afinal) a arte do
encontro, embora haja tanto
desencontro pela vida" (Vinicius,
Samba da Bênção).

Se há algo que nos subtraí-
ram, nos últimos tempos, sem
pedir licença foi este gesto
simples, mas magnânimo, do
encontro na presença, no olhar
e no toque. A sua ausência ou
escassez influiu penosamente

na nossa empatia, estados de
ânimo, confiança e sentido de
pertença. Por natureza seres
gregários, carecemos da pre-
sença coletiva e em corpo para
concretizar a nossa essência e
humanidade.

Este verão, a pouco e pouco,
à medida que a imunidade de
uns permite, assistimos com
esperança ao renovado gesto
do regresso, do encontro e do
reencontro. O gesto ocorre na
esfera da família, da vizinhança,
da comunidade e do território.
Em comunidade, à medida que
nos reencontramos regenera-
mos relações de proximidade e
reedificamos a identidade social
do coletivo.

A Cultura é uma congregadora
nata de encontros e reencon-
tros. Na sala de espetáculos, na
sala de exposições, no cine-
ma, no anfiteatro ou no largo o
Encontro acontece. E acontece
em diversas dimensões: entre

as pessoas que assistem; entre
essas pessoas e os artistas e
entre essas pessoas que assis-
tem e o objeto-produto cultural
que se lhes apresenta. E às
vezes, num canto, numa voz
declamada, ou num traço de um
pincel, o encontro é nosso, é
epifania, é realização, é alma, é
emoção e arrepio provocado na
pele. E sentimo-nos vivos!
Por estes tempos de verão,
pela mão da Cultura, marcamos
Encontro. Espero ver-vos, ainda
que na prudência de um ros-
to semicoberto pela máscara.
Espero encontrar-vos e des-
frutar convosco desta alegria
contagante dos reencontros e
encontros de verão, que apesar
dos dias contados, fazem da
vida por cá, um lugar melhor.



DES

TAQ

UES



1. Ato de encontrar(-se),

de chegar um diante do outro ou uns diante dos outros.

2. En·CON·tro

Junção de pessoas ou coisas que se movem em vários sentidos ou se dirigem para o mesmo ponto.

substantivo masculino



Candidatura M. – À esquina de um país uma instituição bebe um café, o vento existe à procura de existir

Audiência dos interessados

Era uma vez um equipamento cultural. Talvez seja mais ajustado riscar equipamento cultural e escrever um projeto cultural. A utilização da palavra-conceito cultural, pela ampla latitude, ajuda-nos a escrever menos ou entender menos². Para que nos serve uma história sem todas as (p)artes da história? Cultural-Cultura. Estamos a pensar demasiado. Pausa. Talvez seja mais prudente riscar projeto cultural e sublinhar programa cultural.

www.talvez

Era vez uma a beleza do espetáculo-palco, do palco-criação, da criação-espetador, do espetador-espetáculo. Nada disso, no Musibéria vendemos rebuçados de caramelo porque fazem mal aos dentes. #aartedenão-sabercomunicar. Acolhemos dezenas, centenas, milhares de músicos, compositores, bailarinos, coreógrafos. Tudo homem. Acolhemos dezenas, centenas, milhares de músicas, compositoras, bailarinas, coreógrafas. Tudo mulher. Tudo branco. Tudo amarelo. Tudo preto. Tudo hétero. Tudo homo. Tudo bi. Tudo trans. Tudo inter. Tudo obra.

Critérios de apreciação

Uma era vez e assim se ficou à espera... As ideias são para descentralizar mas cada um tem a sua vontade e a capital tem o seu dinheiro. Hipótese a), o ser animal necessita de água. Hipótese b), o ser planta necessita de água. Hipótese c), a coisa dinheiro necessita de água. Solução = alínea f). Não irei escrever sobre como são desqualificadas as instituições. Não irei escrever sobre como são destratados os profissionais das artes. Não escrever. O país é para não saber dançar. O país é para não saber música. O país é para dar lucro. O lucro é para dar lucro ao lucro. Não sendo necessárias pessoas ao lucro entende-se despedir as pessoas do país. O Baixo Alentejo é lucro super intensivo. Afinal que queríamos nós mais?

Uma vez era melhor não dizer Arte... Mas isso foi há muito tempo. Porque indicava uma hipotética *educapendência* de um hipotético investimento do hipotético *miniestéril* da hipotética cultura. Diga-se, com elevado respeito pensado: Arte Básica Incondicional. Mas isso será a muitos tempos do agora. Ar para a arqueologia da respiração: inspirar. Para que nos serve uma instituição? Este é o século das representações digitais, por rede, pessoa a pessoa. Nestes dias saber da eternidade é saber atravessar satélites. O futuro já só cabe no espaço aéreo do espaço, dizem. Todos queremos uma hipoteca, uma garantia, um compromisso de que o Espaço sabe falar o nosso nome, os nossos nomes, por breves instantes sabe também falar português. Isso, isto, encriptam, será arte. Estamos instituídos a ser um desabafo algorítmico, uma multiplicação de valores e vetores gráficos, uma redistribuição de representações de pessoas que são redes, de pessoas que são digitais. Intervalo. Qual a personalidade jurídica de um satélite?

Proposta de decisão

Veza era uma que, pelo arrojo, um executivo municipal permitiu-se imaginar um futuro outro, imbuído

de novidade para a região e para o país. Listados os anos e novo executivo municipal ousou dar continuidade ao trabalho outrora começado. Dois atos de coragem neste país. O Musibéria foi-é-será um exercício de descoberta pelas múltiplas valências, oportunidades e realizações. O Musibéria foi-é-será um exercício de procura pelo tamanho que em cada momento lhe é justo. Todos sabemos como o tempo nos convida a experimentar roupa de diferentes tamanhos pela vida. O Musibéria foi-é-será um elogio à disponibilidade das lembranças, dos trabalhos e dos esquecimentos imaginados ou por imaginar. 1.ª _stação. Entre criações-erros-novas criações: promovemos e apresentamos objetos artísticos, contribuimos para a educação artística, vivemos na comunidade, somos parte da comunidade, acolhemos criadores que se procuram e se encontram, acolhemos públicos que se procuram e se encontram.

Veza era o Musibéria coxo, maneta, gago e zarolho. É tudo isto em 2021, (dez) 10 (dez) anos depois da sua inauguração como já o era em 1985, em 1910, em 1820, em 1500 ou sem grande exagero o será na graça do ano de 4211. Até lá, distante de saber do seu começo,

da sua existência e do seu futuro, o Musibéria continuará, em Serpa, à sua espera. Tenha a bondade de estar distante das palavras e perto do seu tempo. Sejam muito bem-vindos_____ [César Silveira]

César Silveira

César Silveira é licenciado em Música na vertente Piano, mestre em Música com especialização em Composição, e pós-graduado em Gestão e Cooperação Cultural Internacional e em Gestão Coletiva e Direito de Autor na Lusofonia. Foi professor de piano e música de câmara no Externato Jean Piaget de Almada, e nos Conservatório de Música de Portimão e de Lagoa. Desde 2013 cumpre a função de diretor do Musibéria, em Serpa. O Musibéria abriu portas em 2011 com a missão de estimular a criação artística e de novos contextos educativos, nas áreas da dança e da música, a partir da matriz cultural ibérica e da sua diáspora. Com uma programação regular e diversificada de espetáculos, o Musibéria promove a investigação e o intercâmbio de novas experiências artísticas e conteúdos pedagógicos, edita obras audiovisuais e literárias sobre assuntos artísticos e educativos, e fomenta a cooperação horizontal com instituições de criação, formação e difusão artística.



ARTÍSTICAS

RESIDÊNCIAS

O conceito de Residência Artística é uma das formas mais características de apoio e incentivo ao desenvolvimento das artes e ao trabalho autoral dos artistas, designers, performers e criativos. De um modo geral, os artistas procuram residências artísticas para explorar inspirações, dedicar o seu foco a algum projeto específico ou desenvolver novas ideias junto de outros artistas, críticos, organizações, comunidades, paisagens e territórios diferentes dos que estão acostumados. Na Residência procuram momentos de experimentação, aprendizagem, reflexão, foco, troca e diálogo com pares ou demais agentes do sistema. Pressupõem a permanência por um determinado período de tempo no lugar de acolhimento e resultam em alguns casos na produção de objetos ou performances artísticas. As residências funcionam tanto como incubadoras de iniciativas, estéticas e reflexões na arte contemporânea, como podem significar também oxigenação e desconstrução das artes, saberes e fazeres tradicionais.

Por forma a incentivar a criação artística contemporânea a partir do lugar/território; instalar projetos criativos que estabeleçam interligações entre Mértola e outras geografias culturais; promover in loco a criação de projetos artísticos multidisciplinares e transversais às várias linguagens artísticas; mitigar o deficit local de produção cultural contemporânea e enriquecer o património artístico do território; criar bases para uma cultura da criação e experimentação artística e acolher projetos artísticos de envolvimento com a comunidade, capacitantes do seu sentido estético, da literacia cultural e do empoderamento através das artes, cria-se o programa de residência artísticas da Casa das Artes Mário Elias. Um programa de acolhimento e apoio à produção artística e criativa contemporânea nos domínios da música, artes plásticas, artes performativas, criação literária, design, cinema e multimédia.

re·si·dên·ci·a
Salomé
LAMAS



MÉRTOLA

VOZ 1 (robot): Consumir. Usar. Deitar fora. Desperdiçar. Depauperar. Esvaziar. Extenuar. Esfolar. Roubar. Amputar. Liquidar. Esgotar. Pilhar. Devastar. Espoliar. Despejar. Saquear. Dominar. Arrancar. Extirpar. Colonizar. Invadir. Extinguir. Cortar. Aniquilar. Poluir. Contaminar. Profanar. Mutilar. Vigiar. Destruir.

VOZ 2 (humano): O único direito é o direito ao lucro. Os naufragos. Os homens sagrados. A vida que é simples vida biológica. (pausa) Estamos todos na jangada. A água cobre-nos o corpo até aos joelhos.

VOZ 1: Água. Ar. Fogo. Terra. (pausa) Homem.

VOZ 2: O Homem transformou-se numa força geológica. E faz a Terra tremer de medo. (pausa) Mas é na Terra que ele assenta os pés e constrói a sua casa. O Homem contamina o ar. (pausa) Mas é o ar que ele respira. Polui a água. (pausa) Mas é a água que ele bebe. Cria as condições para que a fogueira alastre. (pausa) Mas, num golpe de vento, as chamas viram-se contra ele.

VOZ 1: Auto cegueira. Vontade direta de ignorância. Saber que não se sabe.

VOZ 2: Saber que não se sabe que a última década foi a mais quente dos últimos anos. Saber que não se sabe que as calotes polares estão a derreter. Saber que não se sabe que o nível da água do mar está a subir. (Pausa) Centenas de milhões de refugiados. (Pausa) A produção de corpos doces para exploração não tem fim. O corpo do Outro não é um corpo. É coisa. O seu espírito não é um espírito. É mercadoria. O Outro é irmão da Natureza, primeira coisa entregue para exploração – até que nada exista além de construção humana. (Pausa) O Outro não é nada mais senão eu. Qual é o lugar na jangada para o Outro que eu sou?

VOZ 1: Racismo sem raça. Extrativismo. Apropriação. Poder colonial. Colonialidade do poder. Raça igual a ideologia e tecnologia. Ser desenvolvido igual a ser urbano e industrializado. Ser desenvolvido igual a longe da Natureza. Olhos robóticos. Satélites. Identificação remota de recursos naturais. Ataque. Predação. Abstinência. A solidão do predador. Ambiente protésico. A era da solidão.

Excerto de Extraction: The Raft of the Medusa (2020) de Salomé Lamas apresentado no Cine Teatro de Mértola. + info: www.salomelamas.info

Como é que conciliamos, a ideia de que o poder contemporâneo produz e valoriza a vida, ou seja, a perspectiva biopolítica, com os estudos ambientais que mostram a degradação das condições de vida? Como é que conciliamos o discurso eufórico que analisa o capitalismo através da noção de “imaterial” (conhecimento, a poderosa teia cooperativa de cérebros de “intelecto generalizado”), com a necessidade de considerar materialmente a indústria do imaterial e sua pegada ecológica material?

Será que estes pés materiais e cérebros supostamente imateriais não pertencem ao mesmo mundo?

Erróneo acreditar que o crescimento exponencial é infinito num mundo de recursos infinitos. A catástrofe do capitalismo neoliberal é apresentar o crescimento como receita para a justiça e para a prosperidade, quando este é na verdade o caminho para a hiper-desigualdade e para a destruição da vida.

Por um lado, a valorização da vida (via medicina, genética, progresso tecnológico, etc.); do outro lado, o dano às condições de vida. Por um lado, sabemos que somos finitos, sabemos que as mudanças climáticas podem afetar profundamente a nossa forma de vida; mas por outro lado, agimos como se não acreditássemos na nossa finitude, como se fôssemos imortais.

***O redesenho pela humanidade.
A humanidade é um mistério e
o design é simplesmente uma
forma de refletir esta questão.***

Existem formas menos interventivas e outras mais agressivas. Pertencer a um território é o fenómeno que mais precisa de ser repensado; aprender novas maneiras de habitar a Terra é nosso maior desafio.

Na minha prática muitos projetos são criados, não apenas, mas também, como consequências do próprio sistema, são reflexo de se ser um trabalhador ativo na sociedade, resultado de políticas neocapitalistas culturais que moldam fundos, audiências, programação, mercados, educações, instituições. Mas principalmente são consequência de alguém ativo na sociedade civil de contornos globais. Ligar a vida ao trabalho, de tal forma, em que aquele que projeta falhe em distinguir o limite entre os dois – em que a vida e o trabalho sejam motores um do outro. Indiscriminadamente. Inconscientemente. – O trabalho como uma extensão biológica natural.

O programa Futurama é inédito no meu percurso. Seria expectável para todos o convite vir com necessidades de materialização imediata. A única razão para o ter aceiteado foi não terem existido exigências neste sentido. Passo a explicar. Existe um ciclo perverso na forma como gerimos as indústrias culturais no excesso de produção e da sua assimilação pelo público.

Confesso que a minha capacidade de ser afetada pode ser terrível. Uma sensibilidade aguda de por vezes conseguir absorver e outras vezes de não conseguir absorver.

O Futurama permitiu uma estadia de descoberta que do pouco que me conheço se materializará numa única produção ou que se vai fragmentar nas várias que carrego em desenvolvimento.

Em Mértola encontrei aquilo que conhecia, mas que achava que não conhecia, mas também, aquilo que não conhecia, mas que achava que conhecia.

Reconhecemos finalmente um momento de viragem. Neste momento assistimos à falência dos modelos tradicionais de conhecimento, a investigação artística através da prática começa a ser considerada e ficou evidente que é essencial a cooperação entre diversas disciplinas.

Como aterrar na Terra.

Se quisermos outra antro-po-cena temos de escolher entre as tecnologias que queremos utilizar e as tecnologias que não queremos. Somente mediações tecnológicas e políticas benéficas podem expressar e garantir agência.

Aceitar não resolver imediatamente e de forma forçada problemas existenciais intrínsecos à nossa condição, aceitar limites e o inevitável desamparo humano.

Sem esta passividade, não encontraremos imaginação criativa, a imaginação caótica que gera a promessa de mudança.

Como abrir espaço para a passividade num mundo de interatividade e interconexão permanente? Abrir espaço a experiências transitórias através das quais é realmente possível estar, sentir e imaginar.

Devemos pensar a coexistência de humanos, animais, plantas e individuações tecnológicas. A construção de uma política sem excecionalismo humano, uma política de relacionalidade e imanência.

Mantermo-nos no enquadramento da Realpolitik é, no meu entender, ceder a um fechamento de horizontes, forma "cool" e cé-

tica às custas da esperança e aspiração radical.

O argumento mais poderoso contra a violência é baseado na noção, de que quando infligimos violência sobre outro humano, nos estamos a violentar, porque uma vida está intimamente relacionada com outra vida.

A maioria daqueles que se formaram numa tradição liberal individualista entendem-se como criaturas radicalmente separadas de todas essas outras vidas.

Reconhecer dependência como condição pode parecer complicado, mas a tarefa maior, é afirmar interdependência ecológica e social, que é geralmente erradamente reconhecida.

Se a nossa existência fosse repensada como criaturas sociais que dependem fundamentalmente umas das outras – não existe vergonha, humilhação, inferioridade, feminização em tal – relacionar-nos-íamos de forma distinta, pois a nossa conceção deixaria de ser definida por interesses individualistas.

O que devemos aqueles com quem habitamos a Terra? E o que devemos a esta Terra enquanto cá estamos? E porque é que nos devemos preocupar como os outros? Porque é que lhes devemos a vida ou uma existência não violenta? A nossa interdependência serve como base das nossas obrigações éticas para com o outro. Ao atacarmos o outro, atacamos também este vínculo. Reaprender a aterrar na Terra trata-se de um desejo. Mas a verdade é que até ao momento este período de luta pela sobrevivência física, não gerou mudança política ou espiritual no futuro.

Em Mértola, aqui e ali, encontrei sopros de esperança.

Partilho algumas imagens em agradecimento a todos os que conheci e em especial a alguns que dispensam nomeações.

Lisboa 4.Jun.2021



Salomé Lamas (Lisboa) estudou cinema em Lisboa e Praga, artes visuais em Amsterdão e é doutoranda em arte contemporânea em Coimbra.

O seu trabalho tem sido exibido tanto em contextos artísticos como em festivais de cinema tais como Berlinale, BAFICI, Museo Arte Reina Sofia, FIAC, MNAC – Museu do Chiado, DocLisboa, Cinema du Réel, Visions du Réel, MoMA – Museum of Modern Art, Museo Guggenheim Bilbao, Harvard Film Archive, Museum of Moving Images NY, Jewish Museum NY, Fid Marseille, Arsenal Institut fur film und videokunst, Vienna-le, Culturgest, CCB - Centro Cultural de Belém, Hong Kong FF, Museu Serralves, Tate Modern, CPH: DOX, Centre d'Art Contemporain de Genève, Bozar, Tabakalera, ICA London, TBA 21 Foundation, Louvre, Mostra de São Paulo, CAC Vilnius, MALBA, FAEMA, SESC São Paulo, MAAT, La Biennale di Venezia Architettura, entre outros.

Lamas recebeu diversas bolsas, tais como a Gardner Film Study Center Fellowship – Harvard University, Film Study Center-Harvard Fellowship, The Rockefeller Foundation – Bellagio Center, Brown Foundation – Dora Maar House, Fundación Botín, Fundação Calouste Gulbenkian, Sundance, Bogliasco Foundation, The MacDowell Colony, Yaddo, Camargo Foundation, Berliner Künstlerprogramm des DAAD.

Colabora com a Universidade Católica do Porto, Instituto Universitário da Maia e Elias Querejeta Zine Eskola. Colabora com a produtora O Som e a Fúria e é representada pela Kubikgallery.

OURO E CINZA [em desenvolvimento], COLAPSO-LOGIA [em desenvolvimento], PANTHERAS [em desenvolvimento], GAIA [2021] (What if

the Meteorites would Talk [2021] instalação, Gaia [2021] disco-cum-publicação), HOTEL ROYAL [2021], O TEATRO E A PESTE [2020] (em colaboração com John Romão) EXTRAC-TION: THE RAFT OF THE MEDUSA [2019-2020] (Extraction: the Raft of the Medusa [2019] filme, publicação, Extraction: the Raft of the Medusa [2020] filme, vídeo instalação), O CORPO, A SEXUALIDADE E O ERÓTICO NA OBRA DE JÚLIO POMAR [2019] (audiovisual installation, publicação), FATAMORGANA [2016-2019] (Fatamorgana [2017] peça de teatro, ©Fatamorgana [2018-2019] filme, Fatamorgana [2018] publicação em colaboração com Isabel Ramos, Affektenlehre [2018] instalação sonora em colaboração com Miguel Martins, What do we talk about when we talk about Fatamorgana [2018] filme, Fatamorgana [2019] publicação), DREAM WORLD [2018] (fotografia), HANGAR-TERMINAL-METRO [2018], EXTINÇÃO [2018], UBI SUNT I [2017], UBI SUNT II [2017] (instalação vídeo em colaboração com Christoph Both-Asmus), UBI SUNT III [2017] (instalação vídeo em colaboração com Christoph Both-Asmus), COUP DE GRACE [2017], HORIZON NOZIROH [2017] (instalação vídeo em colaboração com Gregorio Graziosi e Christoph Both-Asmus), AUTO RETRATO [2016-18] (instalação, gravura), ...RIOTS AND RITUALS [2016], THE BURIAL OF THE DEAD [2016] (instalação vídeo), ELDORADO XXI [2016], THE TOWER/ A TORRE [2015], MOUNT ANANEA (instalação) [2015], NORTE/NORTH: TRIAL BY FIRE (instalação vídeo) [2015], LE BOUDIN [2014], THEATRUM ORBIS TERRARUM [2013], TERRA DE NINGUÉM [2012], A COMUNIDADE [2012], ENCOUNTERS WITH LANDSCAPE3X [2012], VHS - VIDEO HOME SYSTEM [2010 2012], GOLDEN DAWN [2011], IMPERIAL GIRL [2010], JOTTA: A MINHA MALADRESSE É UMA FORMA DE DELICATESSE (em colaboração com Francisco Moreira)

re·si·dên·ci·a
APRENDER

Com- preen- der

[Learning to Under-
stand]

Fatima DurKee
Associação Passa ao Futuro

Ocorre o nascer do sol sobre o rio Guadiana, os pássaros a chilrear e o dia começa a ganhar vida, sobre as orlas das colinas delineadas pelo primeiro dourado do amanhecer.

Hoje é o último dia da primeira Residência na Oficina da Tecelagem de Mértola. Uma residência que teve lugar durante o mês de maio e junho, com três visitas.

Organizada pela Passa Ao Futuro, em parceria com a Câmara Municipal de Mértola, a Cooperativa de Tecelagem de Mértola e a *Powered by People*, com as maravilhosas tecelãs Helena Rosa e Fátima Mestre.

Powered by People (poweredbypeople.com) é uma plataforma tecnológica que usa ferramentas digitais para ligar o setor da manufatura criativa e artesanal (CMH) diretamente às cadeias de distribuição globais, impulsionando o crescimento económico em escala. A plataforma Powered by People oferece acesso aos mercados, financiamento e gestão em produção digital. Acreditam num futuro mais transparente e sustentável para todos. No Powered by People Market, os compradores internacionais podem descobrir e

comprar facilmente produtos distintos e diversos, em revenda, feitos de forma responsável por fabricantes qualificados de todo o mundo.

Nesta residência com a Passa Ao Futuro, trabalharam duas designers norte-americanas, Annie Millican e Alison Phillips, que desenharam três designs de mantas que estarão, agora, disponíveis para revenda, exclusivamente no Powered by People Market. Este trabalho é parte de uma coleção "cápsula", uma iniciativa da Powered by People, que selecionou 4 projetos de artífices têxteis tradicionais em todo o mundo: México, Quênia e Portugal (Mértola), para colaborarem em designs modernos originais, tendo como base os seus processos tradicionais.

Annie Millican é tecelã, designer e consultora de desenvolvimento internacional. Passou 12 anos a trabalhar com comunidades de artesãos globais e marcas de design para apresentar o trabalho artesanal a novos públicos. Na sua prática, Annie empenha-se em construir ligações humanas significativas e em trazer maior equidade para o setor da moda e decoração através de produtos e sistemas cuidadosamente desenhados. É a fundadora da marca de moda peruana e residência artística

Awamaki Lab, e é membro fundador de inúmeros projetos de design sustentáveis e organizações sem fins lucrativos, incluindo Voz, DARA Artisans, The Anou, Kollabora, Nest e Bodkin. Ao todo, o seu trabalho apoiou 550 empresas artesanais e facilitou mais de \$ 15 milhões de dólares (USD) em encomendas para empresas artesanais de pequena escala, em economias emergentes. O seu trabalho foi reconhecido com a Bolsa das Indústrias Criativas das Nações Unidas, o Prémio Ethical Fashion Foundation Source, na Vogue, WWD e no New York Times. É licenciada em International Development Studies e História da Arte pela McGill University e, atualmente, está a tirar o MFA em Têxteis na Rhode Island School of Design.

Alison Phillips é sócia fundadora e diretora de design da Powered by People, uma empresa de impacto social que digitaliza o setor da manufatura criativa e artesanal (CMH) fomentando oportunidades económicas em escala. Além da prática em consultoria em Inovação, Alison construiu e liderou equipas multidisciplinares de design e de negócio. Foi diretora administrativa e diretora global de design industrial na BlackBerry, onde era responsável por todos os produtos de hardware. Alison foi diretora de merchandising da reta-

lhistas de moda Aritzia durante um período de rápida expansão e com lançamento estratégico nos Estados Unidos. Como seu membro fundador, Alison foi fundamental na formação da marca de lifestyle Caban, a então inovadora rede de lojas de decoração da Club Monaco, que foi posteriormente adquirida por Polo Ralph Lauren. Phillips possui mais de 100 patentes. É também oradora ativa, consultora executiva e mentora de várias incubadoras de tecnologia. O seu trabalho foi apresentado em várias publicações e foi reconhecido globalmente com um Clio, Good Design, 3 iF Design e 6 Red Dot Awards, prêmio "The Best of the Best". É licenciada em Design Industrial pela Carleton University.

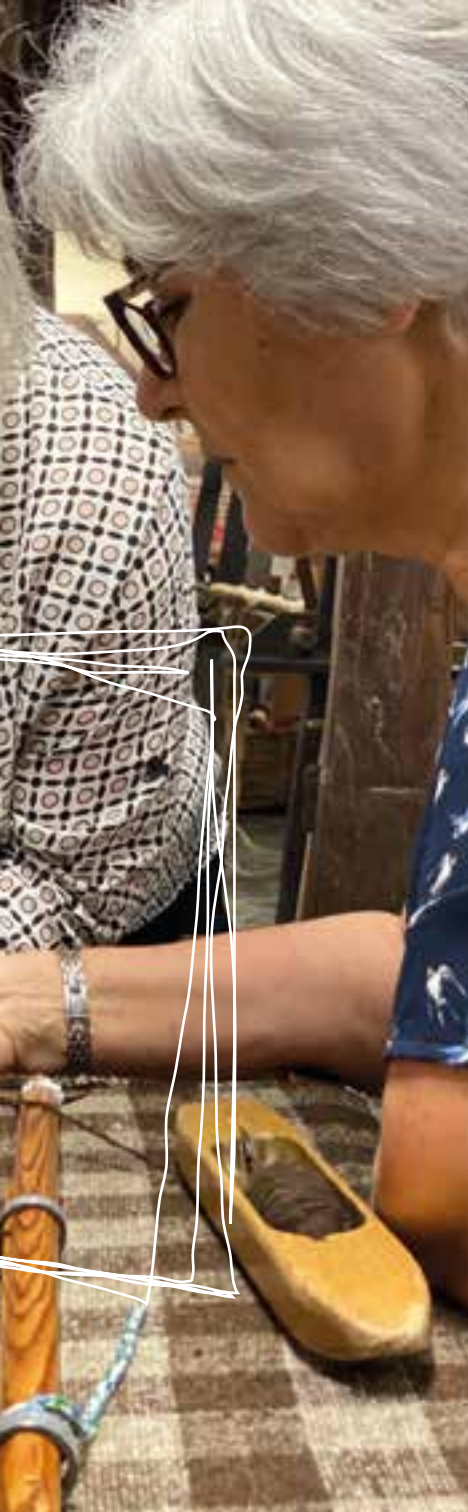
Devido à pandemia, as designers trabalharam remotamente através da Passa Ao Futuro, num intercâmbio que fomentou a criatividade além de fronteiras. Por meio de imagens dos padrões tradicionais, cores da lã local, pormenores e acabamentos, juntamente com os estudos do Professor Cláudio Torres, publicados na década de 1980, Annie e Alison apresentaram várias propostas de design preliminares. Essas propostas foram então redesenhadas durante

o intercâmbio, tendo em consideração as especificidades técnicas dos teares e dos padrões que poderiam ser tecidos em conjunto.

Finalmente, deste trabalho colaborativo entre designers e artesãs resultaram três tipologias de mantas.

(1) Manta Logwood, é uma representação do padrão das mantas tradicionais de fuzil com quadradinhos, redimensionando os padrões para três tamanhos maiores. Este foi um exercício interessante de fazer com a D.Helena: primeiro, aumentando a escala até 0,5 cm e depois saltando para 2 cm de largura nas riscas. No início, esta não estava convencida, mas algumas linhas depois, numa amostra de 1 metro, gostou do que viu. Houve um brilho nos seus olhos quando viu a relação completa do efeito de zoom-in dos padrões tradicionais, tão próximos do seu coração. O impacto gráfico é surpreendente, agora que a manta está toda tecida. Também trabalhamos com uma paleta de cores da lã local, com transições ao longo da peça. (2) A segunda peça é uma versão da manta tradicional, misturando os dois tons mais escuros da lã. (3) E a terceira é uma simples trama de 2 cores que celebra a lã de cor de vega marlada que é mais rara nas ovelhas locais. Estes dois cobertores foram tecidos por Helena e Fátima.





No website Powered by People, os clientes podem escolher entre os diferentes elementos das mantas, desde a cor da lã, o tamanho dos padrões e, no caso da Logwood, a sequência e repetição dos xadrez e riscas. Isso faz com que estes se envolvam no processo de design criando um vínculo direto com as artesãs.

Através desta Residência, fizemos uma análise de todo o tempo gasto no processo de fazer uma manta, desde a tosquia inicial das ovelhas até à manta acabada. Cada peça virá com um passaporte destacando este processo. Novamente, aqui enfatizando a incrível quantidade de trabalho manual e o ciclo completo farm to textile, exemplificado neste projeto na sua forma mais pura.

A próxima Residência, já agendada será com os fundadores do Flores Textile Studio em Lisboa.

FLORES é um showroom têxtil e estúdio de design de interiores fundado por Emma Pucci, uma arquiteta francesa que também trabalhou na indústria cinematográfica como designer de produção e Valentina Pilia, italiana e designer de interiores, parte do estúdio Pierre Yovanovich por 5 anos em Paris, antes de se mudar para Lisboa, há 3 anos.

Emma e Valentina são ambas amantes do têxtil há muitos anos - Emma passou muito tempo na Índia e Valentina em Marrocos, países onde começou a sua paixão por artesãos. Paralelamente ao estúdio, a ideia de um showroom têxtil surgiu da vontade de divulgar produtores de materiais nobres, utilizando processos ancestrais, preservando assim costumes e modos de vida ameaçados pela globalização, e de colaborar com esses maravilhosos artesãos para oferecer peças com maior durabilidade para os interiores de hoje.

Flores é também um showroom onde Emma e Valentina selecionam marcas de têxteis feitos à mão, de diferentes partes do mundo, que representam, aqui em Portugal, tal como a sua própria marca Flores: tapetes e tecidos feitos à mão em Portugal e uma coleção de «peças essenciais» de mobiliário produzidas por artesãos(as) portugueses. Esta Residência será seguida de uma exposição, em Lisboa, no atelier têxtil Flores, de todas as peças de ambas as residências, no outono.

Tem sido um prazer imenso estar na maravilhosa Mértola e trabalhar tão de perto com a Helena e a Fátima. Ajudar a por o fio no tear e girar os fusos foi uma alegria; experimentando a matemática

da tecelagem, a precisão da contagem dos fios e do padrão, enquanto, em simultâneo, se sentia a necessidade de estar no fluxo do movimento, em sincronia com o corpo e a mente. Os sons do tear de 400 anos ficarão comigo para sempre.

O termo “aprender para compreender” surgiu-me durante esta residência. Para realmente compreender existe um processo de aprendizagem. Quando falamos sobre têxteis sustentáveis e desaceleração, poderá parecer quase como um ideal teórico no nosso mundo acelerado. Mas quando as suas mãos estão sobre a matéria-prima, quando se sente o tempo que realmente se leva para fazer algo, a relação do humano com a criação e a linhagem humana do conhecimento, há uma alteração na compreensão. Como olhamos para os têxteis que fazem parte das nossas vidas, desde as nossas roupas até à roupa de cama e aos têxteis médicos para o coração. O facto de estas tradições em Mértola terem sido preservadas e continuadas ao longo de todo este tempo, dá-nos a possibilidade de nos ligarmos ao ancestral. Espero que muito mais pessoas passem por essas portas e possam experimentar esse conheci-

mento, em primeira mão. Planeamos organizar workshops num futuro próximo, para facilitar isso.

Esperemos que com a venda de mais peças e com o reconhecimento internacional, a sustentabilidade da cooperativa seja reforçada e mais tecelãs sejam inspiradas a vir trabalhar para aqui, dando continuidade a este legado, que a Helena está disponível para passar, de todo o coração, aos próximos aprendizes que se queiram tornar mestres do ofício.

74 anos de democracia deram-nos um sistema político consolidado e uma sociedade profundamente transformada, onde a atualização permanente do projeto democrático é condição de progresso. *Uma obra aberta.*





Fatima Durkee tem-se focado essencialmente em urbanismo e desenvolvimento de negócios, em projetos interdisciplinares entre arquitetura, design, sustentabilidade, artesanato e ciências sociais. No centro do seu trabalho está o estudo de sistemas complexos e a busca constante por um relacionamento harmonioso entre os seres humanos e a terra. Trabalhou em Nova Iorque, Cidade do México e Lisboa. É membro do International Living Future Institute e atualmente está a ajudar a criar a Living Future Collaborative em Portugal.

Em conjunto com Astrid Suzano, em 2016, fundaram a associação sem fins lucrativos Passa Ao Futuro com o objetivo de documentar, preservar, promover e dinamizar a rica aptidão cultural das artes e ofícios portuguesas.

A CIMBAL em parceria com os Municípios do Baixo Alentejo promove o Festival BA, no âmbito da candidatura "Programação submetida ao ALENTEJO 2020, à prioridade de investimento "Conservação, Proteção, Promoção e Desenvolvimento do Património Cultural", cofinanciado pelo FEDER a taxa de 100%. A CIMBAL numa parceria alargada que integra os 13 Municípios, promove o Festival BA. São objetivos desta iniciativa a promoção, dinamização e desenvolvimento do património cultural, enquanto instrumento de diferenciação e competitividade dos territórios, designadamente através da sua qualificação e valorização turística, envolvendo as entidades e profissionais da cultura identificados por cada um dos Municípios, onde se destacam expressões artísticas como o teatro, a dança, a música e o Cante. O projeto assume-se como uma resposta para a retoma e manutenção das atividades culturais e artísticas, tendo em conta os prejuízos decorrentes da suspensão total ou parcial de atividade cultural no contexto da pandemia COVID-19, envolvendo um conjunto alargado de profissionais da cultura do Baixo Alentejo.



Por Mértola, a programação decorre de julho a novembro com artistas e companhias como: Buba Espinho; Vocalistas; Baal 17; CADAC Fugas; Celina da Piedade e Almofoariz; Lêndias d' Encantar; Virgem Suta; Pedro Mestre; António Caixeiro e Paulo Colaço; Teatro Arte Pública. Os espetáculos vão decorrer de forma descentralizada em palcos de todas as freguesias do concelho, por forma a chegar a todos com mais proximidade e segurança.

As estórias recolhidas e re-contadas, as vozes das gentes e os sons dos lugares

Este verão os Contos ao Largo regressam para promover a escuta e a partilha de histórias em comunidade. Um projeto que revisita a tradição oral da comunidade e a prática artística de proximidade e itinerância. Contos ao Largo, a acontecer num Largo, bem perto de si!

DE BOCA EM BOCA
CONTOS AO LARGO

Rita Sales_ Criação e Interpretação. Coordenação do projecto.
Pedro Faria Bravo_ Recolha, transcrição e disseminação de contos e histórias na plataforma digital.
Entre Imagem_ Recolha e edição de imagens.

Conheça o calendário dos Contos ao Largo em <https://debocaemboca-mertola.com/>

_Conversas de Boca em Boca

Ciclo de conversas sobre práticas artísticas e culturais de proximidade, na comunidade e participativas.

Partimos da apresentação de experiências de trabalho para fazermos o caminho do diálogo, do encontro e da perspetivação do futuro.

As conversas serão descentralizadas e realizadas em parceria com sociedades recreativas e juntas de freguesia nas aldeias do Concelho de Mértola.

_Conversa I:

A Escuta da Paisagem, dos Lugares e de quem os Habita

Exercício de leitura e exploração da paisagem para fazer em partilha com a comunidade. Em parceria com o projeto Museu da Paisagem

O Museu da Paisagem (MdP) é um museu com sede digital dedicado à paisagem. Surge no contexto de uma sensibilização e educação para uma cidadania paisagística e apresenta-se como um processo contínuo, coletivo, plural e partilhado por todos os protagonistas da esfera pública.

Assume-se como uma proposta de mediação museológica, como eixo de valorização, proteção e construção de paisagens sustentáveis e tem por missão contribuir para a formação de uma cidadania paisagística, procurando despertar o sentido crítico e participativo de todos os cidadãos.

Entende a paisagem como resultado de um processo dinâmico, de uma interação permanente entre o ser humano e a natureza, entre uma sociedade e o seu território. Pretende, por isso, ser um agente ativo nessa transformação, um mediador entre os cidadãos e a paisagem, a favor de paisagens vivas e saudáveis.

Enquanto plataforma participativa e geradora de conhecimento, representações e diálogos sobre a paisagem, cria importantes desafios do ponto de vista curatorial. Ambiciona um aprofundamento do conhecimento, das perceções e dos afetos relacionados com a paisagem, através de uma conceção cuidadosa do modo como os seus elementos são mostrados, da representação de diferentes temas e experiências dos lugares e das condições subjacentes à interação do público com a plataforma.



Resultante de um projeto de investigação de uma equipa multidisciplinar de investigadores, professores e estudantes da Escola Superior de Comunicação Social do Politécnico de Lisboa, o projeto foi desenvolvido entre outubro de 2017 e abril de 2019 no âmbito do Projeto de Investigação Científica e Desenvolvimento Tecnológico (IC&DT) “Narrativas e experiência do lugar: bases para um Museu da Paisagem” (LISBOA-01-0145-FEDER-023382), assegurado no seu desenvolvimento, por uma equipa de investigadores do Politécnico de Lisboa, em parceria com o Instituto Politécnico de Santarém, o Instituto Politécnico de Castelo Branco e a empresa STRIX, Ambiente e Inovação. Desde junho de 2019, o Museu da Paisagem constitui-se como associação científica e cultural sem fins lucrativos, com sede na Escola Superior de Comunicação Social do Politécnico de Lisboa. Enquanto projeto de comunidade e cidadania, o Museu da Paisagem constrói-se na relação com os públicos: na realização de atividades educativas regulares; exposições; itinerários de “exploração” da paisagem; produção de conteúdos audiovisuais; mediateca e edição de publicações.

Saiba mais sobre o Museu da Paisagem em <https://museudapaisagem.pt/>



Entidades Parceiras: Câmara Municipal de Mértola, Biblioteca Municipal de Mértola, Junta de Freguesia de Santana da Cambas, Casa do Povo de Santana de Cambas, Agrupamento de Escolas de Mértola - Escola Básica de Santana de Cambas, Universidade Sénior de Mértola, Projeto Cozinha da Avó, e a colaboração de Fernanda Mestre, Cristina Taquelim e Goretti Oliveira.



_Conversa II:

Paisagens Sonoras

com Luís Antero

Luís Antero

Paisagista, documentarista e arquivista sonoro. Desenvolve desde 2008 um trabalho de recolha e documentação do património acústico de várias zonas do território nacional, com base em gravações sonoras de campo e que pode ser acompanhado através dos sites www.luisantero.yolasite.com e www.luisantero.bandcamp.com

É curador de uma editora online - Green Field Recordings - e radialista.

Artista convidado e um dos responsáveis pelas gravações do projecto Sons do Arco Ribeirinho Sul, na cidade do Barreiro. É Director Artístico do Arquivo Sonoro do Centro Histórico de Coimbra. Dos vários arquivos sonoros que já realizou, destacam-se: Sons da Montanha: Arquivo Sonoro de São Martinho de Anta (a partir de Miguel Torga); Xisto Sonoro, Arquivo Sonoro da Rede das Aldeias do Xisto ou Cem Soldos, 100 Sons: Arquivo Sonoro de Cem Soldos. Tem marcada presença ativa em eventos sonoros como o Dar a Ouvir - Paisagens Sonoras da Cidade, em Coimbra; Jardins Efémeros, em Viseu, Festival Aural, em Águeda ou Lisboa Soa. É licenciado em Estudos Artísticos e pós graduado em Património Cultural Tradicional e Popular Português.

I

Concerto para Olhos Vendados

Que importância tem o som no nosso dia-a-dia?

Continua a ser, como preconizado por Murray Schafer nos idos de 1970 do século passado, o mais negligenciado elemento da nossa paisagem?

Não será o som também caracterizador da identidade das nossas aldeias, vilas e cidades?

Qual será, por exemplo, o som produzido por formigas em contacto com um microfone?

E o dos veados na sua brama sazonal?

E o dos moinhos e rodas de água, misturado com as histórias de vida de pastores e agricultores de mãos calejadas pelo tempo?

É na tentativa de resposta a estas questões que surge o conceito Concerto Para Olhos Vendados, partindo da premissa de que muitas vezes paramos para ver, mas raramente o fazemos para ouvir!

Nesta experiência o público é convidado a vender os olhos, deixando que outros sentidos se despertem...

_Concerto 21 de agosto, 19h, Convento de S. Francisco, Mértola.

Lugar Sonoro: Mértola

Oficina de Gravação Sonora | Paisagens e Marcos Sonoros de Mértola

Gravar para memória futura algumas das paisagens e marcos sonoros de Mértola. Os sons identitários com forte ligação à memória (sonora) colectiva, mas também individual registados através da percepção e sensibilidade auditivas dos participantes. O toque do sino, a água do rio, aves, vento,

sons típicos das ruas, oralidade (depoimentos, histórias de vida, lendas, canções...). Nesta oficina os participantes terão a oportunidade de realizar gravações aurais e binaurais, com recurso a equipamento digital de gravação.

_Oficina 22 de agosto, 9h00, local a definir

EM ANDAMENTO (WORK IN PROGRESS)



Do Aberto ao Abismo, Do Abismo ao Aberto

Criação Artística Participativa & Transdisciplinar

residências/atelier de criação + exposição

janeiro > outubro 2021

Ourique, Mértola, Almodôvar, Odemira, Kaunas

Do Aberto ao Abismo, Do abismo ao Aberto é um projeto de investigação e criação artística que se insere no campo específico das artes plásticas, cruzando a performance, a fotografia, o desenho, o vídeo e a instalação.

A fotografia, o vídeo, o desenho e a instalação são abordados enquanto performance, contrapondo a apresentação viva, em direto, física/corporal, e por isso transitória, perecível, vivencial, à apresentação diferida, virtual, digital, potencialmente repetível. Esta contraposição não aspira à dicotomia, mas à superação da mesma.

AB AB AB AB é um movimento que, ora se apresenta em queda livre, no sem fundo, ora se apresenta expansivo, no vazio que tudo compreende. Em última instância AB AB AB AB é uma inspiração, e uma expiração de um corpo, que compreende o infinitamente pe-

queno e o infinitamente grande. Um corpo que compreende um visível e um invisível, um dentro e um fora, um lado em sombra e um outro iluminado, um lado que se manifesta e um que se oculta. Numa tentativa artística de superar binómios e de sentir o mundo como uma osmose de todas as coisas, onde aparece o informe resultante da metamorfose constante e da fundição de opostos aparentes. Neste sentido parte-se da experiência artística viva e pessoal dos artistas e da sua exploração para uma série de sessões abertas (quer ao público em geral, quer dirigidas a escolas, a jardins de infância, associações e instituições de apoio social, grupos formais e informais), com o objetivo de investigar e enriquecer essa experiência e complexidade artística, partilhando-a. Estas sessões funcionarão como ateliers de experimentação artística, e têm como principal eixo aglutinador o corpo, corpo enquanto um todo sensível, um corpo fenomenológico, onde sensibilidade e racionalidade estão entrelaçadas, aspirando à produção da soma-estética (Richard Shusterman, 2005). Desse processo de conhecimento sensível do corpo e do mundo, reconhece-se que corpo, mente e cultura são co-dependentes, e que há uma unidade na experiência/ação entre estes.

Ateliers Mértola

Para estes ateliês desenhamos propostas de experimentação que se inserem no campo da somaestética e, como tal, convocam uma vasta amplitude de meios, formas, e domínios do conhecimento; partindo do princípio de partilha e horizontalidade nessa partilha, são trazidos e propostos temas e ações. O fundo temático orientador dessas ações é a experiência sensível, corporal-mental-cultural.

DO ABERTO AO ABISMO DO ABISMO AO ABERTO

abababab





Atelier Aberto/Experimental de Voz e Desenho

(3 horas divididas por 3 dias consecutivos)

07 jul _ 08 jul _ 09 julho.Casa das Artes Mário Elias

Com Ana Nobre (artista multimédia/performer) + Andre Birken (realizador e artista sonoro/plástico)

Ateliê de som/desenho/colagem & corpo

Atelier Aberto/Experimental de Escultura em Terra, Performance + Fotografia

(3 horas divididas por 3 dias consecutivos)

14 jul _ 15 jul _ 16 julho.Casa das Artes Mário Elias

Com Ana Nobre (artista multimédia/performer) + Joana Brito (escultora/educadora artística)

Atelier aberto que explora a escultura/desenho espontâneo feito com materiais locais e orgânicos e o corpo (performance/dança); assim como a documentação fotográfica de todo o processo efêmero.

Atelier Aberto/Experimental de Escrita e Performance + Práticas de Atenção

(3 horas divididas por 3 dias consecutivos)

15 set _ 16 set _ 17 setembro.Casa das Artes Mário Elias

Com Ana Nobre (artista multimédia/performer) + Carlos Godinho (artista multimédia/historiador/músico/ativista)


Atelier aberto que parte de práticas de atenção plena para a escrita criativa e a performance.



CINEMA

TEATRO

image of 1934 edition of Four Little Kittens.



Realização, Fotografia, Som, Montagem,
Produção:
Hiroatsu Suzuki e Rossana Torres
Título Original: Cordão Verde
Ano de Produção: 2009
País: Portugal
/ Detalhes técnicos /
Formato original: Mini DV
Formato de exibição: Betacam Digital
Aspect ratio: 4/3
Som: Stereo
Linguagem: Portuguesa
Subtítulos: Inglês, Francês, Espanhol
Tempo: 33 minutos

foi aqui

Cordão Verde

O cordão contínuo de relevos suaves mas acidentados, desde o litoral ocidental português, até ao Guadiana, entre as serras de Odemira, Monchique e Caldeirão, é o lugar de encontro e equilíbrio entre o homem e uma paisagem cultural.

Neste território tão rico em beleza natural e recursos raros, o modo de vida tradicional das comunidades está em harmonia com os valores ambientais e com a biodiversidade. Este filme é um poema em imagens e sons em torno do Homem e da Natureza.

Porque há vidas que davam filmes; *e filmes que marcam vidas.*

Ricardo Machado



Licenciado em Cinema tem uma especialização em Câmera e Fotografia. Colaborou em alguns canais televisivos e trabalhou em equipas de produção de cinema em filmes como UMA AVENTURA NA CASA ASSOMBRADA (Valentim de Carvalho Filmes), A MORTE DE CARLOS GARDEL (Fado Filmes), bem como, nas duas temporadas da série de época francesa MAISON CLOSE (Canal+ França).

Desde que se licenciou em 2008 até ao presente tem escrito, produzido e realizado vários filmes independentes.

A sua bio-filmografia tem cerca de uma dúzia de obras entre curtas metragens de ficção, videoclipes e documentários que marcaram presença e foram premiados em diversos festivais nacionais e internacionais.

“Equação Divina” é o seu mais recente trabalho que começa nos próximos meses o percurso pelos festivais de cinema. Outro, intitulado “Muppet-Face”, encontra-se neste momento em fase de pós-produção.

_Os filmes da minha vida

CREED (2015)

Consinto que CREED (2015) é um filme muito bem conseguido e surpreendeu-me pela positiva. Este 1º filme sobre o filho ilegítimo da personagem de Apollo Creed está umas notas acima da sua seqüela CREED II (2018).

Arrisco dizer que é das melhores “passagens de testemunho” que me lembro de ter visto em filmes de ficção sobre desporto. Creed fica assim para as gerações mais novas como Rocky ficou para as gerações mais velhas.

Fundamento o que escrevo através dos seguintes aspetos:

- trata-se de uma longa metragem muito bem doseada no conteúdo da ação desportiva Versus o conteúdo do(s) drama(s) familiar(es);
- aceito o filme ser completamente um produto de indústria norte americana, trata-se de um american entertainment movie se assim quisermos chamar, onde estão bem colocados (por vezes reinventados) alguns temas clássicos das bandas sonoras de ROCKY (1976), agora com música moderna techno e deep house;
- praticamente nada se sente “colado à força”, ou seja, nada do que é homage aos filmes anteriores senti ser forçada.. e a homenagem está lá, discreta, subtil, nobre até de se ver;
- suponho que não seria possível um outro guião, uma outra produção, uma outra realização e/ou uma outra edição tornarem `CREED: O Legado de Rocky` (título que saiu em Portugal) num tão bom,



digno e fiel sucessor da saga criada por Sylvester Stallone na década de 70.

No que à história diz respeito Sly é então aqui o mentor/mestre de uma nova promessa do (ainda) mais mediático desporto de combate da atualidade. Em termos de condição física Rocky-Stallone faz o que ainda pode, ou seja, quase nada a nível físico (admitido pelo próprio algures a meio do filme mas sem lamechices, sem grandes saudosismos), e, é essa verdade pura/dura da nossa condição humana que nos faz acreditar naquela interpretação, naquele homem e que ajuda a tornar também muito bom este CREED – superior até aos últimos dois Rambos, aos últimos Rockys, aos últimos Mercenários. Balboa e Rambo chegaram há muito tempo atrás, nomes de personagens “reconhecidos” em todo o planeta; porém, creio que, através deste recente spin-off do pugilista mais conhecido da história do cinema Rocky Balboa deificará mais Stallone do que John Rambo o fará.

Após ter (re)visto o filme percebi porque foi merecida a nomeação de Sylvester Stallone para o Óscar de Melhor Ator Secundário por CREED.

CLÍMAX (2018)

Cerca de quinze anos depois do estrondoso IRREVERSÍVEL (2002) sobre o tempo que vai destruindo o corpo e a alma dos seres humanos, depois de ENTER THE VOID (2009) que aborda o Livro Tibetano da Morte, e, de seguida a LOVE (2015) no sentido mais explícito da “coisa”, qualquer espetador, ao dispor-se a assistir a CLÍMAX (2018) terá mais ou menos uma ideia daquilo que lhe espera.

Esta longa metragem de Gaspar Noé, realizador nascido em Buenos Aires, não deve ser vista num tablet, num smartphone ou num qualquer pequeno monitor que temos por casa. CLÍMAX é para ser visto e ouvido no grande ecrã.

Ao se assistir ao filme numa sala de cinema (como eu o vi) pode-se também analisá-lo como uma experiência social, observando assim as pessoas que não aguentam e que vão saindo da sala.

Ressalto dois apontamentos supremos e magistralmente feitos em CLÍMAX:

- a narrativa conduz o espetador a pensar que vai assistir a uma orgia explícita de proporções épicas (colocando porventura obras como SALÔ OU OS 120 DIAS DE SODOMA ou o recente NINFOMANÍACA num patamar inferior) o que, primorosamente, acaba por não acontecer (quicá se acontece nós não vimos, ou seja, o espetador não vê isso a acontecer). E isto torna-se tão gracioso de referir “uma orgia explícita de proporções épicas” pois para este realizador seria relativamente fácil de a fazer... como em vários outros apontamentos nas suas anteriores obras aqui, neste ponto fulcral, o autor não segue o esperado, antes, o inesperado.

- o filme contém em si mais que um final (que passo a explicar): a narrativa poderia terminar após a entrada naquele “espaço infernal” dos agentes e dos cães cinegéticos quando nos é mostrado um plano cenital da mãe que escondeu/protegeu o seu filho e que jaz inanimada numa poça de sangue; ou seja, ao ter sido ela (como muitos dos personagens imaginavam) que a todos alucinou, ao colocar uma substância psicoativa na sangria, a respetiva mãe está



agora morta - o círculo, a curva da personagem e da história poderia fechar-se aqui. Contudo, encontra-se um segundo final, logo de seguida, quando nos é revelado que a jovem loura de cabelo curto tem em cima do leito um livro intitulado “LSD theory”. A mesma jovem loura que tem o respetivo livro, segundos depois, coloca gotas alucinogénias nos olhos como que pingos de soro fisiológico se tratassem - o que leva a subentender que finalmente e possivelmente tenha sido ela a dopar todos os que

se encontravam no local. CLÍMAX foi obra digna de seleções em grandes festivais de cinema. Toda a música transe ultramoderna que acompanha 90% da duração do filme; os diálogos intensos/ordinários dos intérpretes; as cenas bastante hardcore (como sejam os pontapés no ventre de uma grávida e os cortes de navalha, visual effects tão magistralmente feitos no braço e no rosto da jovem); o lettering nada discreto dos nomes dos protagonistas e da equipa técnica que tão

ato, a preto e vermelho iluminada, é extenuante. Evidencio a câmara sempre em movimento que já vinha de posições fora do normal e que se encontra aqui, literalmente, de “pernas para o ar”, como que a viajar numa amálgama de corpos desnudados e rostos em êxtase, com planos de detalhe e muitos grandes planos, sem se ter bem a perceção de onde estamos ou o que estamos realmente a ver. Possivelmente 50% dos espetadores acabam de assistir a CLÍMAX tontos ou com dores de cabeça. É um filme montanha-russa que aconselho a maiores de 18 e que não aconselho a pessoas com epilepsia dada a quantidade de picos de luz, cores fortes e movimentos de câmara que emanam do ecrã.



tardiamente surgem no filme; toda a ficha técnica final que neste filme são (afinal?) os créditos iniciais; o grafismo dos separadores a negro com mensagens simbólicas e não simbólicas; a realização no que respeita aos diferentes estilos no modo como a câmara é utilizada - ora fixa no tripé, ora em steadycam, ora na grua, ora ao ombro, ora à mão - são desconhecidas e merecedoras de serem apreciadas. Saliento que é uma obra visualmente difícil de se ver no sentido lato do termo; por exemplo, a longa cena pré-final que encerra o segundo

À exceção das anteriores obras alternativas deste realizador, arrisco escrever que não há na filmografia mundial atual uma longa metragem que esteticamente se assemelhe a esta... e isso é bom, é muito bom por sinal. Quiçá muito subtilmente se encontre um “topping” de um Dogma 95 neste filme mas nada mais do que isso, nada mais.

Tal como foi IRREVERSÍVEL aquando da sua estreia em Cannes CLÍMAX é surpreendentemente 5 estrelas, é de veras out of the box, conseguindo despertar várias emoções e sentidos no ser humano. Trata-se de um filme-fenómeno.



REVENGE

(2018)

“She`s coming for revenge” é um dos gritos de ordem deste thriller, action, horror film. Se esta produção francesa tinha tudo para resvalar/cair (ou seja, poder ter sido mais um modesto filme entre os variadíssimos que existem, sentindo-se isso nos primeiros 25 minutos de duração), depois do primeiro terço de filme, começou a cativar-me; obrigou-me a aceitá-lo e seduziu-me de um modo não convencional através de toda a sua estética sonora e visual. REVENGE (2017) é uma longa metragem, realizada por uma mulher chamada Coralie Fargeat, que foi retirar várias referências a obras já existentes. No meu ponto de vista, foi esse “beber” a outros trabalhos, foram essas fontes de inspiração que a autora foi buscar que tornam REVENGE especialmente tão único, tão kitsch.

Ao tê-lo visto em ante-estreia comercial senti que o filme tinha/tem uma realização diferente; uma realização que para mim “surgiu” com NATURAL BORN KILLERS (1994), que comporta um argumento simples mas engenhoso à la KILL BILL (2003), e, tem uma muito engenhosa aproximação estética aos recentíssimos THE BAD BATCH (2016) e LAISSEZ BRONZER LES CADAVRES (2017) – praticamente três títulos, contando com REVENGE, que saíram ao mesmo tempo.



Se neste slasher/gore film o que menos interessa é a história (talvez por isso tenha assistido a pessoas a saírem descontentes da sala, a risos inocentes e a nervosos comentários) REVENGE distingue-se sobretudo pelos arrojados e diferentes planos captados, pela muito positiva e aparatosa edição de imagem e som. Também se destaca pela exótica fotografia e pela sua coloração/grading.

Saliento o memorável plano-sequência final em que o vilão sai nú e armado a percorrer toda a casa, dos

corredores e recantos até à bela piscina que se encontra no exterior... que plano tão longo e agradável de ser visionado que nos esquecemos onde (verdadeiramente) começou e onde acaba.

Aos ainda curiosos e possíveis espetadores, amantes da 7ª arte, aprez-me concluir que o filme REVENGE não é muito mau como aparenta ser (pelo contrário) é Sim muito Bom.





Paraíso

João Antero

Professor na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Membro correspondente das Academia Nacional de Belas Artes e Academia de Letras e Artes Portugal. Alentejo e Ribatejo Film Commission (ARFC).

Emir Kusturica, *contador de histórias, coloridamente burlescas.*

Sérvio, natural de Sarajevo, Emir Kusturica estreou-se, enquanto cineasta amador, na escola tendo ganhado alguns prémios. Depois estudou na FAMU, a prestigiada academia cinematográfica de Praga, entre 1973 e 1977. Em 1978 realizou *Guernica*, uma curta-metragem a preto e branco que lhe valeu o prémio no Festival de Cinema Estudantil. E não mais parou.



Lembra-se de Dolly Bell (1981) a primeira longa-metragem de Kusturica? Ganhou o Leão de Ouro no Festival de Cinema de Veneza na categoria de novos realizadores e chamou a atenção da crítica internacional. Passado na Jugoslávia dos anos 1960, Kusturica leva-nos até uma aldeia do interior, com festas no clube local e algumas idas ao cinema, em que o protagonista, um rapaz que descobre o seu primeiro amor numa prostituta, tem de lidar com a doença do pai, comunista, e uma mudança de casa.

Em 1985 realizou O Pai Foi em Viagens de Negócios, um filme que tem como pano de fundo a Jugoslávia comunista dos anos 50 e a então repressão de Tito, em que a crueza dos factos é transfigurada, de forma quase poética, pela vulnerável visão de um adolescente, cujo pai, após zombar de uma caricatura de jornal no qual Marx aparece por trás de Lenin, é convidado a fazer uma “viagem de negócios”. Valeu-lhe a primeira Palma de Ouro.

A temática cigana está muito presente nos seus filmes, seja nos personagens e comunidade circundante, seja nas acções, muitas vezes desconcertantes.

Depois, realizou O Tempos dos Ciganos (1988), em que conta a história de um rapaz, de uma comunidade cigana, que é

obrigado a ir trabalhar para Itália e, ao regressar, descobre que a sua amada está grávida e que, é quase certo, o filho poderá não ser dele. Uma realidade estonteante, onde a imagem e a música se fundem, transportando-nos para uma realidade que, apesar de nos ser totalmente desconhecida - a realidade dos ciganos -, acaba por parecer-nos familiar, tal é a forma como nos envolve no dia-a-dia daquela comunidade, a forma como aborda as suas vivências, os seus sentimentos e o calor das suas vidas.



Este filme, tal como Gato Preto, Gato Branco (1998) tem algo de Felliniano, com histórias complementares a acontecerem em segundo plano, reforçando a acção principal. O facto de os seus personagens serem únicos, como Fellini fazia, tornam a história única. Mas também tem algo de chapliniano na forma como filma, como dirige os actores e como trata a história. Ficamos entre a comédia e o drama.

Em 1993 vai aos Estados Unidos filmar Arizona Dream, uma desconstrução tragicómica do sonho americano, com Johnny Depp,

Faye Dunaway e Jerry Lewis, em que um jovem rebelde, com a sua visão do futuro, vive uma fantasia de amor. Axel trabalha numa peixaria em Nova York, até que um mensageiro chega para levá-lo para o Arizona para o casamento do seu tio. É aqui que começa a história.

Os filmes de Kusturica têm algo de especial na honestidade de sentimentos espontâneos dos seus personagens. Tal como a música, sempre com um toque gypsy, que marca os filmes de Kusturica. Mas não é apenas uma presença sonora, é física mesmo. Ao longo dos seus filmes, o realizador encontra espaço para que a orquestra musical esteja presente e acompanhe a acção em muitas das suas cenas. A orquestra que toca amarrada na árvore, cada qual à sua altura, são pormenores que marcam a diferença e nos fazem imergir na loucura, por vezes frenética, da narrativa. Noutro filme a orquestra aparece qual carrossel de uma caixa de música, que gira lentamente, até que numa ligação espontânea ao desenvolvimento da história, roda em alta velocidade, sem nunca pararem de tocar. São pormenores que preenchem a narrativa.

A cena de amor no campo de girasóis, em Gato Preto, Gato Branco, uma das mais belas e puras cenas de amor da história do cinema

Em *Underground* (1995), Kusturica conta a história de um fabricante de armas, numa Belgrado subterrânea, durante a Segunda Guerra Mundial. Um outro personagem, um comerciante do mercado negro que faz contrabando daquelas armas para os guerrilheiros, não diz aos seus trabalhadores que a guerra acabou e eles continuam a produzir, em cativeiro. Anos depois, ao escaparem do seu "abrigo" subterrâneo, convencem-se de que a guerra ainda está a acontecer. Uma vertiginosa narrativa em que os sonhos e pesadelos conseguem superar a realidade, aliando vida e morte. A história passa por três guerras na Jugoslávia, do regime comunista de Tito à dissolução, passando pela Guerra da Bósnia. Este filme valeu-lhe a Segunda Palma de Ouro.

Ao ver *Gato Preto Gato Branco* (1998), lembro-me inevitavelmente da felliniana *Giullietta dos Espíritos*, em que a comunidade circense dá lugar à comunidade cigana. Aliás, a temática cigana está muito presente nos filmes de Kusturica, seja nos personagens e comunidade, seja nas acções, muitas vezes desconcertantes. Nas margens do rio Danúbio, pai e filho sobrevivem fazendo qualquer coisa para ganhar a vida. Como pagamento de uma dívida, o pai concorda em casar o filho com a irmã de um gangster local. Um filme coloridamente burlesco, que mistura drama e comédia com pitadas de crítica social. A música deste emblemático filme foi composta pela *No Smoking Orchestra*, a banda de que Kusturica é guitarrista fundador.

A Vida é um Milagre (2004) numa pequena vila da Bósnia, em que o engenheiro sérvio Luka está a construir o caminho de ferro local. Ele mora no meio do nada com o seu filho, aspirante a jogador de futebol e a sua irritante ex-mulher, cantora de ópera. O rapaz é convocado para o exército quando uma guerra está a começar. Quando a guerra atinge a zona onde vive, é capturado pelo inimigo. Acaba por conhecer a enfermeira Sabaha, seques-





~~trada pelos soldados bósnios e o amor acontece.~~

Uma forte característica dos filmes de Kusturica é a utilização de elementos simbólicos, seja ao nível dos personagens, como um macaco sentado à mesa, seja nos adereços como um relógio que recua no tempo, ou uma noiva que voa, num voo sereno, até à mesa do copo de água, conduzindo, num travelling sem presas, o nosso olhar pelos personagens sentados, até se sentar, vinda dos céus, numa mesa filmada como se da última ceia se tratasse. E também a cena de amor no campo de girasóis, em Gato Preto, Gato Branco, uma das mais belas e puras cenas de amor da história do cinema.

Kusturica é um mundo à parte. Um mundo de fantasia onde a vida acontece oníricamente, numa realidade que raia a displicência e a arrogância da despreocupação, mas onde os sentidos e os sentimentos estão fortemente presentes, trazendo-nos de volta à realidade. Kusturica leva-nos por mundos de pobreza, onde a opulência se faz presente nos personagens, nos pormenores e nas próprias histórias.

Em Via Láctea (2014), com o próprio Emir Kusturica e Monica Bellucci, baseada em factos reais, o realizador conta-nos mais uma história de amor, passada numa aldeia dos Balcãs durante a recente guerra. Kusturica filma as cenas de guerra com o mesmo realismo onírico com que filma as cenas de amor ou de diversão. Com sinceridade, honestidade e muita beleza.

Esta sincera honestidade pode ser sentida também no documentário que fez sobre Diego Maradona, de quem era amigo. Kusturica abre as portas para a vida de Maradona, sem filtros, tabús ou censuras.

Esta necessidade de mostrar o lado mais simples do ser humano, despido de preconceitos e máscaras sociais, inserido no seio das respectivas comunidades, precisamente como contraponto à complexa vida actual das grandes urbes e de tudo que de mau elas representam, desde a corrupção aos jogos de poder, das influências aos interesses materialistas. Daí as comunidades onde vivem os seus personagens serem sempre de aldeias do interior, raiando a pobreza mas vivendo plenamente a vida, felizes com o que têm, lutando por um amor sincero, puro e verdadeiro, próprio da identidade mais honesta da raça humana.

Nos filmes de Kusturica não há a necessidade de debatermos, analisarmos ou mesmo questionarmo-nos acerca da moralidade. O estado mais puro dos seus personagens não permite que se ponha em dúvida as suas moralidades. Porque não possuem riquezas e as suas preocupações cingem-se às preocupações básicas da sobrevivência, o trabalho e os relacionamentos sociais e amorosos.

Programação Cinema

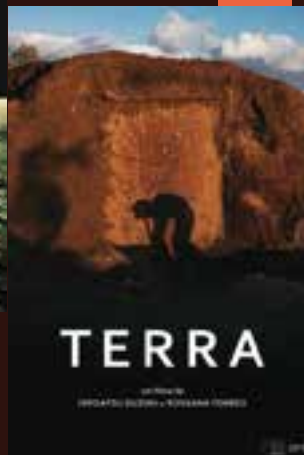
CineDoc



Cordão Verde

9 de Julho, 21h00
Cineclube de Mértola
Cineteatro Marques Duque
realização: Hiroatsu Suzuki,
Rossana Torres
ano. 2009

CineDoc



"Terra"

9 de Julho, 21h00
Cineclube de Mértola
Cineteatro Marques Duque
realização: Hiroatsu Suzuki,
Rossana Torres
ano. 2018

CineDoc



"Art of Shading the Sun"

30 de Julho, 19h30
Cineteatro Marques Duque
realização: Evgenia Emets
ano. 2021

Art of Shading the Sun' aborda as sinergias criadas ao longo dos séculos entre a comunidade e a paisagem. Este é um alhar que nos alha desde Mértola no ano de 2121 para evidenciar as nossas práticas contraditórias e contrastar diferentes abordagens, como as explorações extrativistas e as abordagens regenerativas que agora procuram resolver o problema da desertificação severa no Alentejo, Portugal.

*Produzido no âmbito do projeto
Sustentar Ci.Clo*

Programação Teatro

Integrado no Festival BA

Grávida Abandonada Procura Namorado

Lêndias d'Encantar

Via Glória, 4 de ago, 21h00
(local a designar)



Etelvina encontra-se com barriga proeminente de grávida e... abandonada. Sentindo-se fragilizada pela sua condição aceita o desafio de uma amiga e comparece a encontros marcados com homens via Internet com o objectivo de encetar um relacionamento sentimental. Etelvina tenta ajustar o seu visual, personalidade e comportamento ao perfil dos pretendentes, ao mesmo tempo que procura, em cada encontro, ocultar a gravidez. Acontece que os potenciais namorados com que se encontra sempre à mesma mesa do mesmo café, se revelam bem mais surpreendentes e imprevisíveis do que ela poderia imaginar... Grávida abandonada procura namorado é uma comédia de costumes que evoca o imaginário inquietante e delirante dos encontros amorosos combinados online, ao mesmo tempo que envolve de forma divertida os eternos temas da verdade e das máscaras, do ser e do parecer.

Integrado na programação do Festival BA

Na derradeira peça de Bernardo Santareno (1980), O Punho, o motor central da ação é a luta de classes no contexto da Reforma Agrária no Alentejo. As duas personagens principais – a camponesa Maria do Sacramento e a latifundiária D. Mafalda são, simultaneamente, protagonistas e antagonistas. Duas mulheres fortíssimas em lados opostos da barricada e que são das mais belas e comoventes personagens do teatro português.

A ação passa-se no antes, durante e depois da Reforma Agrária – 3 anos. Este período marcante e fraturante da história de Portugal dos anos 70 e que, atualmente, quase se tornou um tabu, é aqui transposta para a cena teatral sem maniqueísmos, ressaltando a humanidade das personagens levadas a agir pelo seu sentido de classe, pelo sofrimento e pelos afetos.

Um Coro trágico vai sublinhando ou suscitando a ação à maneira dos Gregos.



O punho

Escola de Mulheres

05 de set, 17h30

Cineteatro Marques Duque

MÚ-
SICA

AVANÇADA



Os CANCRO são ácidos até à medula, de atitude e sonoridade disruptivas, estabelecem logo assim de caras um paralelismo direto entre a contundência que o próprio nome provoca ao comum mortal e o forte conceito de crítica social de cunho combativo das suas músicas.

Irmãos mais novos da grande família HAUS (Linda Martini, PAUS, MURAI), que têm na sua composição, Fábio Javelim (Paus, Riding Pânico) na guitarra, José Penacho (Marvel Lima, Riding Pânico) nas teclas e Tiago Lopes na voz.

Autodenominam-se “a banda nascida das cinzas das fogueiras de cantautores e vieram para lhes queimar as violas, punk feito de 0’s e 1’s aos berros pelo ser humano em cima de guitarras sujas e chorosas”. Contam com o álbum de estreia intitulado “+”, lançado em 2019 pelo digital Bandcamp e pontuado com singles e videos como “Plástico”, “71000 Frames” ou o mais recente “Show do Homem Verdadeiro”.

Indiferença, negação e consumo rápido são ingredientes bastante requisitados na confeção da cultura popular dos dias correntes... os CANCRO, são exatamente o contrário disso, em que a denúncia de «Cancros Sociais» é para onde atiram o seu punk corrosivo sempre de uma forma conceptual, sendo donos muito próprios de uma forte expressão artística e performativa e a isto, acrescenta-se que as vendas online deste álbum revertem na totalidade para o Instituto Português de Oncologia.

O liricismo é áspero, “O Show dos homens verdadeiros, vendem toda a sua vida não se vêm inteiros, vão sair e ver lá fora não os voltam a apanhar” e durante as nove faixas do disco, há um apelo constante à reflexão introspectiva, de quem carrega um peso nos ombros sob uma aura urbana que nos corrói por dentro. Sim, este trio tem o sério potencial de criar hinos do hemisfério alternativo português mas é mesmo ao vivo que se torna uma experiência e tanto, enchendo o olho pela hiperatividade, ao interpre-



Donham os ouvidos nisto! por Marcus Veiga

tar cada tema com uma urgência e visceralidade únicas.

Os CANCRO fizeram entre 2019 e 2020 uma mini tour de apresentação do disco que os levaram a passar por alguns clubes nacionais de culto do seio alternativo, SHE, Stereogun, Musicbox, Sabotage ou Salão Brazil até à “pausa” cultural que nos assola desde o ano anterior.

De momento encontram-se em “prognóstico reservado de bloco operatório” (leia-se estúdio) para um novo trabalho ainda sem data definida de lançamento, mas podemos contar com eles num futuro mais saudável garantidamente.

**“Tudo o que me irrita,
tranquiliza”... e queremos
estar tranquilos, saudáveis
e firmes!**

<https://bandacancro.bandcamp.com/album/mais>



Tocar & Andar

A música andarilha, em itinerância, no porta-à-porta, nos largos e ruas dos montes e lugares. Vamos contornar a pandemia e levar a animação musical até junto de si!
Fique atento(a) porque neste verão é para tocar e andar.

Com

**Luís Simenta . Beira Serra . Os Vocalistas . Cantadores do Alentejo .
Os Alentejanos . Rodrigo Maurício . Paulo Colaço . Nelson Conde**

Música

Vocalistas

8 de jul. 21h00. Espírito Santo
integrado no festival ba

Música

Buba Espinho

15 de jul. 21h00. Mértola
integrado no festival ba

Música

Celina da Piedade & Ana Santos

28 de jul. 21h00. Santana de Cambas
integrado no festival ba

Música

Virgem Suta

19 de ago. 21h30. Mina São domingos
integrado no festival ba

Música

Pedro Mestre

25 de ago. 21h30. S. João dos Caldeireiros
integrado no festival ba

Dança

Fugas

CADAC Companhia Alentejana de Dança Contemporânea
integrado no festival ba

Programação Música & Dança



ARTE

18 Setembro a 23 de Outubro

– “A MÁQUINA DO TEMPO” –

artes plásticas

Joana Paiva Sequeira, José Alexandre São Marcos e Paulo Romão Brás



**Casa das Artes
Núcleo Paleocristão
Galeria do Castelo**



**Casa das Artes
Galeria do Castelo**

30 Julho a 29 de Agosto

– “SUSTENTAR” –

video / fotografia

Evgenia Emets; Elisa Azevedo; Margarida Reis Pereira; Maria Oliveira; Nuno Barroso e Sam Mounford

Sustentar Ci.CLO

O programa de criação Sustentar é organizado e produzido pela Ci.CLO Plataforma de Fotografia e desenvolvido em parceria com as Câmaras Municipais de Évora, Figueira da Foz, Loulé, Mértola, Setúbal e com a EDIA. Tem como objetivo produzir uma série de projetos sobre iniciativas que já foram ou estão a ser implementadas em território nacional como resposta aos desafios ecológicos e sociais que enfrentamos. Pretende-se fomentar e destacar as boas práticas e tendências positivas relevantes no âmbito da sustentabilidade ambiental, social e económica, que estimulem uma cidadania mais ativa e, subseqüentemente, mais coesa e responsável na conservação dos recursos naturais e do património cultural. Compreendeu a atribuição de 6 Bolsas de Criação, cada bolsa correspondente a um projeto de cada parceiro.

Câmara Municipal de Évora - Elisa Azevedo

Câmara Municipal da Figueira da Foz - Maria Oliveira

Câmara Municipal de Loulé - Nuno Barroso

Câmara Municipal de Mértola - Evgenia Emets

Câmara Municipal de Setúbal - Margarida Reis Pereira

EDIA - Samuel Mountford

Os resultados dos trabalhos desenvolvidos no âmbito do programa Sustentar, durante residências artísticas, serão apresentados numa exposição coletiva produzida pela Ci.CLO, que seguirá em itinerância por todos os parceiros envolvidos no projeto e será integrada na programação da Bienal'21 Fotografia do Porto.



horários.

galeria do castelo. 3ª feira a sábado. 09h00-12h30 | 14h00-17h30

casa das artes mário elias. 3ª feira a sábado. 09h00-12h30 | 14h00-17h30

biografias da arte

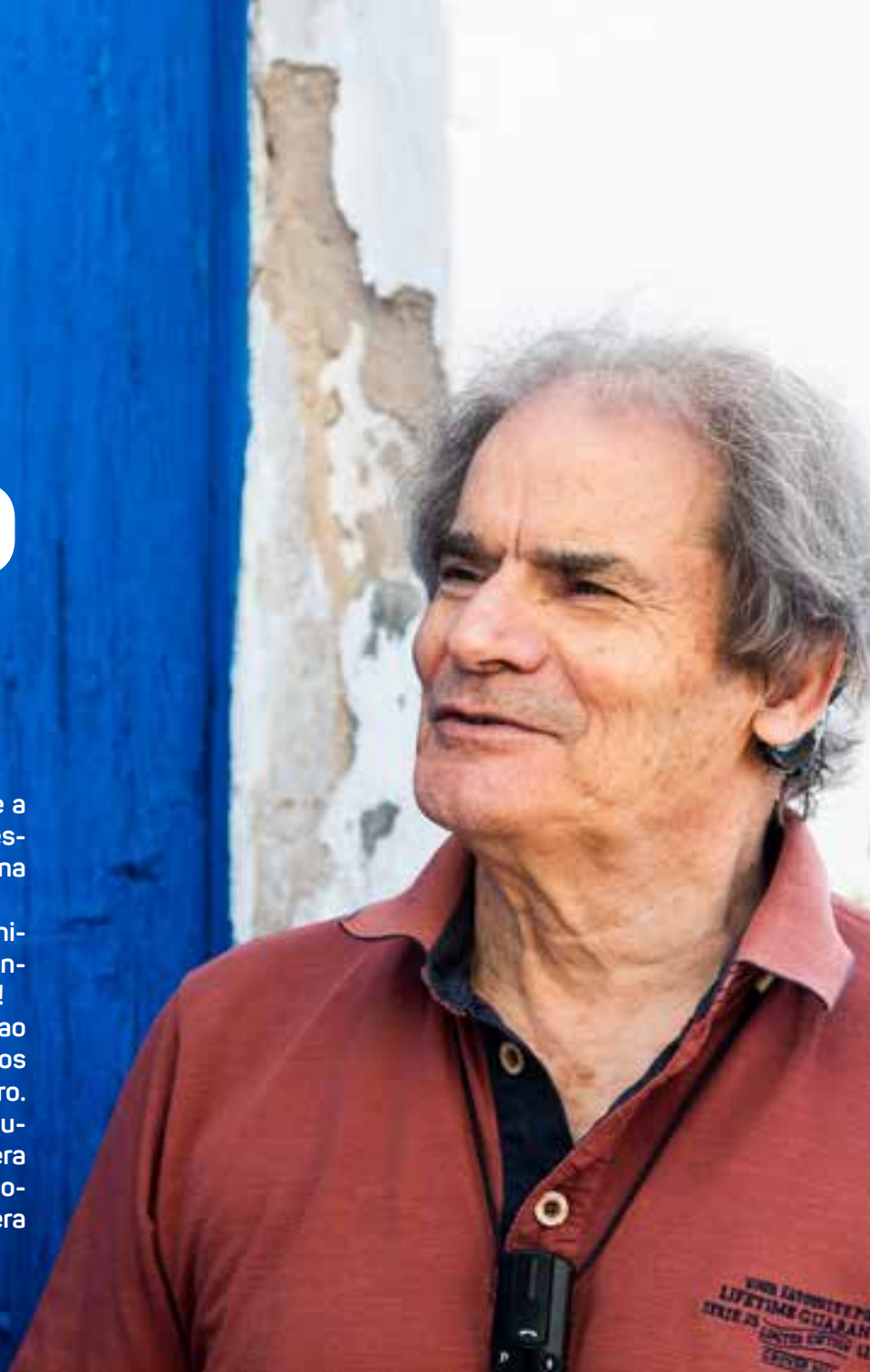
António Gomes Anacleto

PICOITOS | 1943

O percurso, na primeira pessoa

Nasci nos Picoitos. O meu pai trabalhava como sapateiro e a minha mãe era costureira. Tive uma infância feliz, fiz ali a escola primária e depois fui fazer o exame da quarta classe na escola de Mértola.

Saí de casa muito cedo, aos 13 anos já estava com uma mochila às costas. Era feita de uma saca de batatas com dois tirantes. Fui mondar e ceifar para os barros de Beja. Aos 13 anos! O primeiro emprego que tive foi na Alfarrobeira de Baixo, ao pé de Beja. Começávamos logo ao nascer do sol, andávamos com as pernas molhadas até ao joelho, durante o dia inteiro. Quando chovia andávamos todos enlameados. Ganhava pouco, muito pouco, e no final do mês não tinha nada, aquilo era tudo gasto na comida. O que recebia não me chegava para comer. Ia à Trindade, comprava umas chouriças e pão, a base era isso... e assim gastava o dinheiro. Fiz ali umas temporadas.



Depois fui para as ceifas nos Barros de Serpa. Faziam-se as praças de ceifeiros em Vales Mortos... parecíamos gado a ser leiloado. Nunca vim à praça aqui a Mértola, era muito fraquinha...

Quando a Mina acabou a vida mudou.

O meu pai e a minha mãe foram para Lisboa e eu fui para a tropa. Fiz ainda umas seis temporadas na ceifa e monda. Fui e voltei para Lisboa várias vezes. A primeira foi para trabalhar num restaurante, na 5 de Outubro. Tinha lá um primo que me arranjou aquele trabalho. Estava a ceifar em Serpa quando o meu pai apareceu, montado num burro... Disse-me: – “Olha, o teu primo telefonou de Lisboa, tem lá um emprego para ti!” Eu, que estava cansado daquilo da ceifa, larguei aquilo tudo e fui para Lisboa. Acho que ainda fiquei pior. O dono do restaurante não me deixava sair. Dormia lá e tudo. Acabei por sair, depois trabalhei em obras, dormi em barracas, dormi ao relento, em Lisboa... foram tempos difíceis, andei um bocado aos caídos até que fui para a tropa.

Fiz a tropa na Serra da Carregueira, depois fui para o Colégio Militar. Lá arranjam-me um trabalho como secretário de um sargento que, por sua vez, era secretário do comandante do Colégio Militar. Como eu escrevia bem, preenchia as pautas dos alunos. Eles até se esqueceram de mim, não fui à guerra nem nada. Até que chegou uma altura e me disseram “tu estás aqui há já muito tempo...” foram ver os registos e de facto eu já tinha tempo para me ir embora. Passado um tempo lá fui.

Terminada a tropa fui trabalhar numa casa de vidros que havia no Bairro Alto. Estive lá uns seis meses. Aí comecei a ver os aviões a passar e disse para comigo: “ Olha, os aviões da TAP... aquilo é capaz de ser bom. Vou lá, vou inscrever-me!”. Lá fui. Passados 8 dias estava a trabalhar

para a TAP. Na altura a TAP estava em forte crescimento, com falta de pessoal com a entrada dos 727, isto em 1966. Acabei por passar a minha vida toda na TAP, fui para lá como servente e depois passei a fiel de armazém. Continuei a estudar, fiz o 5º ano (hoje 9º), depois algumas cadeiras do 7º ano (hoje 11º ano) e aí parei.

Quando veio o 25 de Abril pensei que tudo estava resolvido, que ia mudar o mundo e parei de estudar, foi a maior asneira que fiz. Podia ter tirado um curso, mas não tirei.

Sempre tive jeito para desenhar. Quando era moço pegava em todo o papel que havia lá em casa e punha-me a desenhar. A minha mãe dizia que eu estragava o papel todo. Desenhava bonecos, aves, escrevia, sempre tive uma certa tendência para isso...

Depois, na TAP, fazia as caras dos colegas. De alguma maneira conseguia, por vezes ficavam mesmo parecidas. Um senhor que trabalhava lá aconselhou-me a tirar um curso de pintura ou de desenho, uma vez que tinha tanto jeito. Podia ser um bom futuro para mim, dizia-me ele. Pensei naquilo e fui falar com uma senhora que era minha vizinha, era professora e uma boa aguarelista, tinha um pequeno atelier onde dava aulas a umas três pessoas. Andei lá uns três anos a aprender a técnica da aguarela. Depois cheguei também a andar na António Arroio mas chateei-me daquilo... aquilo era muito lento! Saía do trabalho e ia para a escola à noite. Saí da António Arroio e fui para a Ar. Co, andei lá um ano e meio, aprendi umas

coisas ... finalmente tive que deixar a Ar. Co. Não conseguia conciliar tudo, trabalho, escola, família... assim, fui aprendendo com colegas, entre eles o Mário Elias, conheci-o através da Maria Olívia e da CNAP. Fizemos algumas exposições conjuntas ali na sede de uma Companhia de Seguros que ficava na Avenida de Berna. Fizemos também no Circulo d'Artes e Poesia e fui crescendo através do contacto com os amigos. Havia também uma associação internacional das companhias de aviação que integrava a TAP que era a ASCA. Era uma associação que organizava coisas de vária índole como seja a pesca desportiva, futebol e arte. Esta associação estava espalhada um pouco por todo o mundo. Os meus trabalhos foram ao Japão, aos Estados Unidos e a vários locais da Europa. Quando ganhava prémios lá tinha que ir. Fui a vários, à Finlândia, à Suíça... Fui a vários sítios. Também foi uma boa escola. Depois a galeria da TAP entrou em decadência...

A minha principal característica é o experimentalismo. Nunca tomo um rumo certo. Se faço dez desenhos com aquela linha farto-me, tenho que partir para outra. Tenho experimentado de tudo, desenho, pintura, aguarela, colagens...

Não posso fazer coisas de grande dimensão. Não tenho espaço para isso naquele cantinho onde trabalho, para fazer coisas de maior dimensão tinha que ter mais espaço. Já pensei várias vezes

em voltar para cá, mas ...é complicado...

Agora estou com um pequeno problema de saúde mas mesmo assim vou fazendo desenhos, mais gestuais. Com a pandemia trabalhei muito, muito mais que habitualmente. Acabei agora de fazer uma exposição no Campus de Justiça e tenho outra programada, com trabalhos mais diversificados, num restaurante em Sintra. Exponho normalmente na zona de Lisboa mas tenho tido convites para outros sítios, por exemplo para o Porto, mas as despesas são muitas. Fui sócio fundador do GART (Grupo de Amigos da Arte) mas deixei-me disso. Fazíamos pintura ao vivo, sobretudo no Sabugal, todos os anos íamos ao Sabugal. Eramos um grupo de cerca de vinte artistas, íamos numa camioneta, era uma festa! As autarquias davam o alojamento e a alimentação e nós oferecíamos as pinturas.

Do que sinto mais falta é de um sítio adequado para me poder expandir, projectos não me faltam, escritos e desenhados, mas logisticamente não consigo. O máximo que exponho é 90cm X90cm. No Campus de Justiça eram 70cmX 50cm, eu é que fiz as molduras. E normalmente eu é que transporto os quadros. É preciso alguém que tome conta destas coisas para me preocupar só com a pintura. Isto não é muito fácil..."

Texto/Entrevista: Manuel Passinhas, CMM.





António Gomes Anacleto, actualmente a viver na Quinta do Conde, concelho de Sesimbra, desce com alguma frequência até à sua terra natal, Picoitos, de onde mantém todas as suas referências culturais.

A sua obra pictórica é multifacetada, de difícil catalogação, é uma obra dispersa entre estilos e técnicas completamente diferentes. Gosta de vaguear entre a figuração de cariz naif, a representação de grafismos em composições pseudo-caligráficas ou simbólicas, o cubismo sintético e tantas outras linhas que vai experimentando. António Anacleto utiliza com frequência materiais e objectos em fim de vida nas suas criações. Embalagens de ovos, caixas, fragmentos de mobiliário, papéis velhos, ferragens tudo o que pela sua forma ou textura possa ser utilizado nas suas assemblages. É um criador liberto de amarras de um qualquer estilo. A sua capacidade de trabalho é enorme e são centenas as obras que já produziu, o que não podemos deixar de valorizar já que é um pintor que se preocupa com os detalhes, com o humor ou o dramatismo das cenas que representa.

Realizou cerca de vinte exposições individuais entre as quais na Galeria de Arte Masters em Stº André; na Sede da ADPM em Mértola; Casa da Imprensa; Casa das Artes Mário Elias em Mértola; Galeria Municipal de Arruda dos Vinhos; Galeria Algarve Arte em Almansil; Galeria do Amoreiras Center em Lisboa; Montepio Geral em Lisboa; Feira de Artes na FIL e esteve representado em inúmeras exposições colectivas, na Sociedade de Belas Artes, no Mosteiro da Batalha, no Mosteiro da Batalha e na exposição Internacional de Vendas Novas, entre muitas outras.

Está referenciado em várias publicações: "O artista e o seu Mercado", de Narciso Martins "Aspectos das Artes Plásticas em Portugal" "Arte 98" e "Anuário de Artes", de Fernando do Carmo. "Figurativo nas artes plásticas em Portugal no séc. XXI", de Afonso Almeida Brandão.





Pierre Pratt

Não é coisa fácil, hoje em dia, nascer em 1962, mas o Pierre conseguiu. Aconteceu em Montreal, no Canadá, num geladíssimo dia de fevereiro. Uns 15 anos depois, estudou artes gráficas, sempre em Montreal. No início da carreira fez banda desenhada e ilustrações para revistas canadianas e norte-americanas. Desde 1990, concentra o seu trabalho na área do livro infantil, como ilustrador, e também como autor. Já publicou cerca de uma centena de livros, no Canadá, Portugal, França, Espanha, Reino Unido e Estados Unidos. Ganhou números

prêmios nacionais e internacionais, tanto no Canadá como na França, na Itália, na Eslováquia e nos Estados Unidos. Foi finalista para o Prémio Andersen em Bolonha. Vive e trabalha em Lisboa.

Mais sobre Pierre Pratt
<http://www.pierrepratt.com/2020/>





_Programa Residências Artísticas



Guarda Rios
28 junho a 10 julho

Do Aberto ao Abismo, Do Abismo ao Aberto



– Atelier Aberto/Experimental de Voz e Desenho –

7_8 julho . Com Ana Nobre (artista multimédia/performer) + Andre Birken (realizador e artista sonoro/plástico) Mounford

– Ateliê de som/desenho/colagem & corpo –

– Atelier Aberto/Experimental de Escultura em Terra, Performance + Fotografia –

14_15_16 julho . Casa Artes Mário Elias . Com Ana Nobre (artista multimédia/performer) + Joana Brito (escultora/educadora artística)



A Escola de Artes Mário Elias é um projeto de sensibilização, formação e educação artística não formal promovido pela Câmara Municipal de Mértola. A escola não é um espaço físico, um lugar ou uma sala. A escola acontece em workshops, cursos, residências artísticas ou master classes dirigidos a diferentes públicos. Pretende habilitar as pessoas para a criação artística e desenvolver nelas a capacidade de se relacionarem, interpretarem e sentirem as diferentes linguagens artísticas, bem como, de assumirem perante a arte e a vida uma consciência crítica e uma atitude criativa.

MÉRTOLA

PA

TRI
MÓ

NIO

DE
TODOS

Olhar de ... Manuela Barros Ferreira

Em redor

Imagine, caríssimo Abcdef... que o meio onde mora é uma povoação no extremo navegável de um rio, no sítio até onde os barcos vindos do mar são ajudados a subir pela força da maré. A montante, estreitos meandros e quedas de água impedem que as embarcações continuem a avançar. Por isso se costuma chamar a Mértola “o último porto do Mediterrâneo”.

O PONTO DO GUADIANA ONDE A MARÉ SE DETÉM ESTÁ MARCADO PELA PRESENÇA ATARACADA DE VELHAS AZENHAS ABANDONADAS. É UM LUGAR DE ENCANTAMENTO, LIVRE E FRESCO, AONDE BRINCAM CRIANÇAS E JOVENS COMO SE FOSSEM PAPOILAS SALTITANTES.

Mais imponente, mais secreto, no lado oposto da vila, a jusante, ergue-se um convento com seu vasto domínio. Nesse espaço mágico, uma bailarina holandesa fez nidificar falcões, tratou galgos, cavalos, pavões, semeou obras de arte e plantas aromáticas. Um dos seus filhos, artista-poeta, cria esculturas cinéticas num verdadeiro santuário de paz e beleza.

Admirável é também o panorama da vila velha que se avista da margem esquerda do rio, sobretudo de noite, quando os focos de luz desenham as muralhas e torres e despertam estranha luminescência nas casas de cal. Apetece entrar nela para a ver mais de perto.

Dentro

porém, como nos contos, há que superar um Obstáculo para desvendar os seus mistérios. Aqui ele é constituído pela calçada, que é uma espécie de dragão estendido aos ziguezagues sob a forma de ruas escamosas e abruptas: um tormento para pés incautos. Mas quantas recompensas esperam os heróis capazes de o vencer! Num largo depois da Torre do Relógio, encontra-se um Museu Romano na cave da Câmara, onde foi descoberta uma casa em ruínas; mais adiante, o Museu Islâmico, com a sua belíssima clarabóia amouriscada, expõe as peças cerâmicas mais emblemáticas saídas das escavações arqueológicas; numa rua mais acima, um moderno “Hammam”- Casa de Chá, assenta numa curiosa história desde o tempo em que terá sido um edifício imperial romano. Trepando mais ainda pelos tentáculos do dragão, chega-se ao pequeno planalto onde permanecem as ruínas sucessivas dos que foram donos de Mértola na Alta Idade Média - desde os primeiros cristãos até aos almorávidas e almôadas; por fim, alcança-se o castelo com sua torre de menagem cheia de fragmentos marmóreos ditos visigóticos; e descendo novamente, entra-se na ex-mesquita para admirar os arcos do séc. XVI e os vestígios muçulmanos da que agora é a Igreja Matriz.

Ainda faltaria observar muitos outros aspectos da vila, entre os quais menciono apenas o museu paleocristão com suas colunas transparentes e estelas decoradas; as duas colunas de Cutileiro na rotunda da entrada nor-

te; os jardins e recantos inopinados; as hortas biológicas arrancadas à secura da terra de xisto; as bibliotecas temáticas; a oficina de tecelagem tradicional e a de joalheria moderna - cada sítio com as suas histórias de alegria ou tristeza, mas de espanto sempre.

_E por último,

sendo o princípio de tudo ... a gente que vive e viveu em Mértola, e que, na sua maioria, incorpora, desde que aqui chega ou nasce, a indizível capacidade de fascínio que perpassa por toda a vila.

Da minha parte continuei a ter Mértola no meu olhar..., como horizonte dos meus «itinerários sentimentais»

Viajar com este destino era observar as novidades de cada ano e aquilatar como o conhecimento histórico era obrigado a equacionar cada nova descoberta local. Gradualmente o horizonte alargou-se-me para outras paragens. Os moinhos do Guadiana e os lagares de azeite pré-industriais ainda instalados no território concelhio continham tantas perguntas para os meus próprios interesses. Entretanto, entre 1982 e 1986, a mineração da pirite e o património mineiro dominaram uma parte substancial da minha consciência histórica e patrimonial. Em 1986, defendeu-se, em Mértola, a salvaguarda e classificação da Mina de S. Domingos. Como nascera uma aldeia mineira onde viveu mais população do que na sede do concelho? Porquê os ingleses? O que deixaram na região? Como exploraram o negócio da pirite e como mantinham quase escravizados os mineiros? O que significava classificar em Portugal, uma ruína industrial? Haveria dinheiro para a sua conservação?

Este novo campo da investigação estimulou a constante da relação pessoal com os lugares revisitados, enquanto Mértola adquiriu, doravante, o profundo significado de um ícone.







HISTÓRICO

ARR

QU

VO

U

LE

S

U

N

A HISTÓRIA ATRAVÉS DOS OBJETOS

Museu de Mértola_ Arte Islâmica 20 anos depois...

Lígia Rafael

Coordenadora Técnica do Museu de Mértola

Muito se tem falado e escrito nos últimos tempos sobre o papel da cultura e mais especificamente dos museus na sociedade atual. Esta é uma temática muito debatida nos últimos anos, tendo a situação pandémica vivida em 2020 e 2021 reacendido o interesse e dado origem a uma diversidade de tomada de posições, análises críticas e muitas opiniões.

Entre algumas iniciativas lideradas pela sociedade civil destaca-se a Plataforma pelo Património Cultural, uma declaração firmada por diversas associações que pretende afirmar “o património como valor estratégico e oportunidade nacional”. Referem que “o Património Cultural constitui o activo mais precioso de qualquer país, em especial dos que possuem percursos históricos mais antigos e cujos recursos naturais foram parcialmente exauridos com o tempo. Trata-se de um activo de que cada geração, presente e futura, se deve considerar como fiel depositária e cuja amplitude transcende a esfera estritamente nacional. Não podemos considerar-nos donos de tudo quanto nos foi colectivamente legado e que pertence em grande maioria a quem nos antecedeu, cabendo-nos a nós apenas reparti-lo com os nossos contemporâneos e com quem nos há-de suceder.

Cuidar e desenvolver o Património Cultural, muito mais do que uma decorrência da Lei, nacional, europeia ou universal constitui, pois, um imperativo civilizacional e de cidadania”.

Esta problemática é transversal a diversas áreas do conhecimento e ultrapassa fronteiras locais, regionais e internacionais. Por outro lado, as questões relacionadas com a preservação e valorização patrimonial não se colocam só nos grandes centros urbanos, elas parecem intensificar-se nas regiões de interior e nos territórios de baixa densidade, onde os desafios que se colocam à cultura e à mediação cultural são ainda mais complexos. De facto, se recuarmos no tempo, no passado recente sempre se colocaram estas questões e esta foi uma preocupação evidente para Serrão Martins

e Cláudio Torres quando, em finais dos anos 70 do século XX, perceberam que o motor de desenvolvimento deste território estava relacionado com o conhecimento e valorização dos valores patrimoniais e culturais do passado, transformando-os em recursos e em importantes elos de uma engrenagem dinâmica, potenciadora de projetos e ações. Este foi o passado, é o presente e perspectiva o futuro de Mértola. Esta é também a missão do Museu de Mértola que tem como foco a preservação, valorização e divulgação do património cultural do território numa perspectiva de construção da memória coletiva e de reforço dos laços identitários da comunidade local.

Neste âmbito nas últimas 4 décadas tem vindo a realizar-se em Mértola um interessante programa museológico em que o Museu é a própria Vila. Nas palavras de Cláudio Torres, “toda a sociedade, qualquer comunidade deve guardar, proteger e valorizar os seus bens mais preciosos, as provas e documentos, as marcas, os objetos e artefactos portadores de um sinal de memória coletiva. Este local de memória pode e deve ser o museu. Um espaço de proteção capaz de concentrar e sintetizar a alma de um sítio ou território, capaz de dignificar o carácter mais profundo de uma comunidade. Mais significativo se torna o museu local quando se fraciona em vários núcleos temáticos e quando estes, gradativamente, vão incluindo áreas de proteção, vias de acesso, portas e portais, muros, hortas e pomares. E sobretudo quando lá dentro, vivendo a sua vida e beneficiando desse passado, se encontra uma população interessada, conivente e solidária. Este é, a pouco e pouco, o Museu de Mértola”. O núcleo museológico de Arte Islâmica, inaugu-

rado há quase 20 anos, em dezembro de 2001, é exemplo do trabalho que tem vindo a realizar-se em Mértola. O painel de acesso ao museu reflete os objetivos da sua constituição: “o documento escrito, nas suas linhas e entrelinhas, pretende mostrar à posteridade os feitos dos poderosos, os registos de uma história encomendada. Aos oprimidos, sem escrita, resta o efémero de um gesto ou acorde musical, resta o artefacto humilde de todos os dias, a panela escura que esbeçou de cansaço ou o candil onde o azeite secou”. Cláudio Torres e Santiago Macias são os responsáveis pela conceção, coordenação e conteúdos que, com uma vasta e diversificada equipa, desenvolveram ao longo de anos um trabalho de investigação, estudo, inventário e conservação de excelência.


A arqueologia, principalmente a intervenção desenvolvida pelo Campo Arqueológico de Mértola na Alcáçova, permitiu reunir uma importante coleção de objetos representativos do quotidiano de um passado longínquo, que tem ecos em formas, técnicas, costumes e saberes-fazer ainda reconhecidos e próximos para nós.

Para acolher este lote excepcional de materiais foi escolhido um antigo armazém do século XVIII, localizado em pleno Centro histórico, na zona da antiga Porta da Ribeira, propriedade da Câmara Municipal e reabilitado com um projeto do Arquiteto José Alberto Alegria, financiado pelo Instituto de Financiamento e Apoio ao Turismo, pela Direção Geral de Ordenamento do Território e pela Autarquia, integrado no Projeto Integrado de Mértola. O projeto de arquitetura e a museografia realçam as características do próprio edifício e marcam nas li-



nhas, nas cores e nas formas a presença da herança islâmica e criam um discurso lógico e coerente. António Borges Coelho, no texto do Catálogo, refere “os sonhos tornaram-se realidade. O subsolo foi revelando segredos, a vila organizando o espólio: museu romano, museu de arte sacra, museu paleocristão, museu do ferreiro e agora o museu islâmico. Durante quase um quarto de século, a equipa liderada por Cláudio Torres, apoiada pela população, a Autarquia e por uma rede de amigos, colocou a vila no mapa, como agora se diz, no mapa de Portugal, no de uma Europa culta e novamente no mapa do mar Mediterrâneo. (...) A história descobre as raízes da vila e sustenta em boa parte o seu desenvolvimento”.

Passados quase 20 anos o núcleo de Arte Islâmica veste nova roupagem. Nada que altere aqueles que são os pressupostos iniciais dos seus mentores ao nível dos conteúdos e do discurso museográfico. Adapta-se a novos tempos, em que as preocupações ambientais e de mediação com os diferentes tipos de públicos são outras. Nos últimos meses realizou-se uma intervenção de manutenção do edifício com o objetivo de corrigir anomalias que resultam do passar dos anos, a par do desenvolvimento de ações que visam uma maior eficiência energética, a criação de condições ambientais adequadas aos que aqui trabalham, aos que visitam e à



Talha de cerâmica com estampilhas, séc 12-13 d.c integrante da exposição do Núcleo de Arte Islâmica do Museu de Mértola

conservação da coleção exposta e a promoção das acessibilidades para Todos.

Acreditamos que os museus são dinâmicos e que devem acompanhar as mudanças que se operam na sociedade. Acreditamos também que a herança patrimonial e a preservação da memória são essenciais para promover os valores da partilha, da responsabilidade, do respeito, da democracia e que são motores de um desenvolvimento sustentável que se baseia no conhecimento do território e no envolvimento das pessoas. O que fazemos resulta de um trabalho de uma vasta equipa e tem o objetivo de chegar ao maior número de pessoas possível, transmitindo conhecimento, proporcionando momentos de aprendizagem e de lazer, ajudando a crescer a nível pessoal, profissional e enquanto membro ativo da sociedade. O que desejamos é ambicioso, e por vezes utópico, mas resulta de um trabalho feito pelas Pessoas e para as Pessoas, aqui exemplificado pelos 20 anos do núcleo de Arte Islâmica.

Reabrimos em breve. Visite-nos e perceba no edifício, nos textos, nas vitrines, nos objetos e no contacto com o colega que os recebe, a importância deste percurso que o pode levar a visitar 14 locais que contam a história deste território e das pessoas que o habitaram e habitam. Fica o convite...

Para mais informação consultar www.museudearteantiga.pt/exposicoes



horário

6 a 30 de abril 2021

terça a sábado,

das 9:15h às 12:30h e das 14:00h às 17:15 h
(encerra domingo e segunda)

2 de maio a 30 de junho 2021

terça a domingo

das 9:15h às 12:30h e das 14:00 às 17:15
domingo das 9:15h às 13:00h
(encerra domingo à tarde e segunda)

núcleos abertos ao público

Oficina de Tecelagem; Igreja Matriz; Alcáçova; Castelo; Forja do Ferreiro; Arte Sacra; Basílica Paleocristã.

condições de visita

O uso de máscara e/ou viseira é obrigatório;
Distanciamento social aconselhado (2m);
Desinfecção das mãos à entrada;
Cumprimento pelos limites de ocupação assinalados à entrada;
Entrada grátis
Não se realizam visitas guiadas

Informações

turismo@cm-mertola.pt ou

museus@cm-mertola.pt

<http://www.museudemertola.pt>

Telefone: 286 610 100 ext. 1580 ou 1590

Arqueologia em construção

“Projeto IACAM – Intervenção Arqueológica na Cerca das Alcarias de Mesquita – Mértola”

Maria de Fátima Palma (FCT/CAM/CEAAC/UGR)*

Bilal Sarr (Universidade de Granada)*

No nosso quotidiano, os vestígios e marcas deixados pelas sociedades do passado são quase uma presença imperceptível, mas que sem nos apercebermos continuam a fazer parte das nossas vivências, das memórias mais antigas, dos pequenos rituais, das romarias, nas formas de fazer e também na tradição oral. Na maioria das vezes não damos conta desses vestígios ou marcas de um passado muito distante e que se foi perpetuando nas memórias, nas histórias, nos objectos, nas pedras e nos cacos. Esses vestígios, marcas, resquícios são muitas vezes desvendados pela ciência que é a arqueologia, que estuda as sociedades do passado através dos vestígios por elas deixados. Ora o nosso território e sobretudo a Vila de Mértola são conhecidos pela sua antiguidade, atestada pelas escavações arqueológicas que se tem desenvolvido intensamente nos últimos quarenta anos. A sua situação de porto fluvial do interior do Guadiana, conferiu-lhe uma importância através das trocas comerciais e da mineração. Por todo o concelho de Mértola abundam testemunhos de um povoamento precoce, que remonta pelo menos o 3º milénio a.C., atestando uma continuidade territorial, que se prolongou ao longo dos séculos, com fases intermediárias de grande apogeu.

O seu território, beneficiando desde ligação fluvial até ao mar, conciliando com a atividade mineira em maior ou menor escala, viabili-

zou o assentamento de populações em determinados pontos, estratégicos ou não, desta zona que hoje é o Concelho de Mértola.

Apesar da intensa atividade arqueológica na Vila de Mértola, o território, dada a sua dimensão e características, tem sido menos intervencionado do ponto de vista arqueológico. Consideramos que o seu estudo deve ser compreendido do geral para o particular, analisando pequenas unidades arqueológicas e paisagísticas. Desta necessidade, e em consequência da linha de investigação sobre o território de Mértola entre os séculos VIII e XIII, nasce o projeto de investigação arqueológica denominado “IACAM - Intervenção Arqueológica das Cercas das Alcarias de Mesquita (Mértola, Portugal). Da Hispânia ao al-Andalus: Arabização, islamização e resistência no meio rural”, tendo obtido financiamento na convocatória de



2020 do programa de "Proyectos de investigación e intervención arqueológica española en el exterior", do Ministério da Cultura e Desporto de Espanha. Este projeto insere-se nas linhas de investigação do Campo Arqueológico de Mértola e do grupo de investigação THARG (HUM-162) do Departamento de História Medieval, Ciências e Técnicas Historiográficas da Universidade de Granada, que vêm desenvolvendo há décadas, tais como a transição do mundo tardo antigo ao alto medieval e os processos de transformação (arabização e islamização) que levam ao desaparecimento da Hispânia e à formação do al-Andalus. Neste caso, aposta-se num espaço sobremodo original, encaixado num espaço rural, junto ao rio Guadiana e à Ribeira do Vascão, o povoado das Cercas das Alcarias (séc VIII-XII), apenas conhecido por trabalhos de prospeção superficial (Rego: 1992; Macias: 2005; Palma: 2012; Lopes: 2014; Palma, 2019) e a Ermida de Nossa Senhora das Neves, com referências conhecidas através das Visitações da Ordem de Santiago em 1515 (Boiça, Barros: 1996), sendo a mesma dedicada a Santa Maria de Froles, num primeiro momento. Mais tarde passaria a ser consagrada a Nossa Senhora da Neves, da qual ainda mantém uma imagem do século XVIII. No entanto, esta ermida possui uma sacralização mais antiga atestada pelos elementos de mármore que lhe pertencem, nomeadamente uma coluna torsa com elementos verticais, um capitel adaptado a pia de água benta e um fragmento de cancela em mármore na parede sudoeste do edifício, enquadráveis entre o século VI a VII. Na Aldeia de Mesquita, numa parede em alvenaria de pedra ainda se podem observar elementos de mármore, dois pequenos fustes de colunas, reutilizadas nesta construção, possivelmente com intenção de ornamento (1831 – data inscrita na coluna superior) e que serão de proveniência próxima.



Por outro lado, o seu topónimo Mesquita (masjíd) e Alcaria (qarya, aldeia) atestam o interesse neste espaço e a sua

continuidade como zona habitada e de culto. Não é de estranhar que o núcleo populacional tenha esse nome, porque para além de albergar o edifício, comum aos espaços islamizados, a imposição do nome, de clara procedência posterior ao al-Andalus, seria por contraposição ao destacado edifício cristão que se conservava no sítio. Em efeito, o povoamento que se conhece na Antiguidade Tardia e da Alta Idade Média está associado à ermida consagrada a Nossa Senhora.

Este é um projeto candidatado através da Universidade de Granada – Espanha (UGR) e que será dirigido pelo professor e investigador Bilal Sarr (UGR) juntamente com Maria Fátima Palma (Campo Arqueológico de Mértola/CEAACP/UGR), com uma importante participação da Universidade de Granada, do Campo Arqueológico de Mértola, Câmara Municipal de Mértola através do Museu de Mértola e Centro de Estudos em Arqueologia, Arte e Ciências do Património (CEAACP).

O projeto terá uma equipa equilibrada, reunindo grande experiência e multidisciplinariedade, composta por arqueólogos, arquitetos, antropólogos, geofísicos, topógrafos, estudantes, voluntários e a população local. Este trabalho pretende ter uma componente de arqueologia participativa, colaborativa e pública. Isto é, irá proporcionar uma forte interação com a população local, os visitantes e os demais agentes. Neste sentido haverá espaço a uma Sessão de Divulgação do Projeto (12 de junho de 2021), visitas guiadas, Dia Aberto durante os trabalhos de escavação no local, divulgação através das redes sociais e nos circuitos de investigação académica.





Os trabalhos irão realizar-se em duas zonas, na área da Ermida de Nossa Senhora das Neves e na zona da Cerca das Alcarias, entre os meses de junho a setembro de 2021, após autorização dos seus proprietários, aos quais muito agradecemos. Podemos sintetizar os trabalhos em quatro grandes linhas, nomeadamente as prospeções arqueológicas, tanto sistemática e superficial dos sítios como da área envolvente. Esta, por sua vez, será complementada através da prospeção geofísica dos dois sítios. Com o conjunto de dados disponíveis avançaremos para a terceira fase que está destinada às sondagens arqueológicas das zonas previamente identificadas com maior potencial arqueológico. Ao mesmo tempo que se vão estudando os materiais identificados e se procederão às análises de laboratório dos restos exumados durante o período de escavação. Estas últimas fases irão decorrer entre 23 de agosto e 17 de setembro de 2021. Por fim, pretendemos contribuir com a divulgação da história e da materialidade da zona através de materiais de divulgação, de placas informativas, de artigos científicos, conjuntamente com a divulgação nas redes sociais.

O sítio arqueológico Cercas das Alcarias de Mesquita e da Ermida de Nossa Senhora das Neves localizam-se em uma zona estratégica, que oferece uma situação ideal



para a colaboração transfronteiriça de duas regiões, Andaluzia-Alentejo com múltiplos convênios de colaboração. Trata-se de um sítio arqueológico que parece prolongar-se continuamente entre a Antiguidade Tardia e o período pleno medieval (VI-XII), o que oferece condições idóneas para estudar as grandes transformações que se produzem no âmbito rural na Península Ibérica.

Estes trabalhos de investigação arqueológica permitirão gerar novo património comum, colocar a descoberto novos restos arqueológicos, os quais irão ajudar a obter cronologias mais certas, fasear o povoado, analisar a disposição interna do mesmo e ajudar a estabelecer a relação do sítio com o seu meio e envolvente. Por outro lado, com estes trabalhos arqueológicos esperam-se obter resultados de grande relevância para o estudo das comunidades rurais no Garb al-Andalus e no ocidente islâmico, em geral, e no território de Mértola, em particular.

Este projeto arqueológico pode contribuir de forma importante para o desenvolvimento da pequena Aldeia de Mesquita e também da sua envolvente, gerando dinâmicas de arqueologia social e de laços identitários, os quais pretendem criar valor e enriquecer as dinâmicas locais, através da arqueologia e da pesquisa histórica combinada com uma forte interdisciplinaridade.

COISAS DE OUTROS TEMPOS ...

Arquivo Municipal de Mértola & Centro de Documentação da Mina de S. Domingos
Paula Rosa, Arquivo Municipal de Mértola

Rua a rua, casa a casa: conhecer os topónimos através da cobrança da décima.

O livro em destaque, de entre a inúmera documentação que se encontra à guarda do Arquivo Municipal de Mértola, é o livro de "Arruamentos urbanos para lançamento da décima" de 1765.

Neste livro são registados por freguesia, rua por rua e prédio a prédio, o nome dos proprietários dos imóveis, mas também, nas casas comuns, o nome dos inquilinos, e o que cada um deles deveria pagar de imposto. Ao lançamento da décima estavam sujeitas todas as pessoas que na jurisdição de Mértola tivessem "propriedades, ofícios, rendas, negócios, tratos", lavrando-se nos livros respetivos o que houvesse a constar. Para o efeito eram nomeados pelo senado os "lançadores" da décima, que, sobre juramento dos Santos Evangelhos, se comprometiam a cumprir as suas funções na forma da lei.

Da série documental "Lançamento da décima" existem 127 livros que correspondem ao período temporal entre 1765 e 1834. Uma vez que a décima era aplicada a prédios rústicos e urbanos, maneios (trabalho), dinheiro emprestado a juros e aos eclesiásticos (ora tributados em certos anos ora

isentos), existem, regra geral, dois livros por ano.

Este imposto decretado após a Restauração da Independência, pelas Cortes de 1641, para a manutenção de um exército permanente de defesa do País com taxas que foram variando conforme as necessidades do reino (e que inicialmente correspondia a 10% das rendas e rendimentos), vigorou até 1852 e só foi substituído nesse mesmo ano, pela contribuição predial criada por decreto de 31 de dezembro.

Tendo a particularidade de registarem o levantamento exaustivo de todos os prédios rústicos e urbanos no concelho de Mértola, bem como as profissões e negócios existentes é possível, através dos "livros da décima", conhecer a toponímia antiga do concelho e as casas e respetivos habitantes, contribuindo para história urbanística e história local.

A imagem apresentada remete para a antiga Rua da Praça, atualmente denominada por Rua dos Combatentes da Grande Guerra.

Consulte este e outros documentos no Arquivo Municipal de Mértola já disponível no site do Arquivo Municipal de Mértola em: <https://arquivo.cm-mertola.pt> em: <https://arquivo.cm-mertola.pt>



_Memórias Fotográficas



Fotografia panorâmica da entrada da vila de Mértola, cerca de 1975 (data incerta).

Grandiosos festejos a S. Domingos

Ao longo de décadas e até ao fecho da exploração mineira, as festas na Mina de São Domingos eram muito famosas. Para isso contribuía o entusiasmo da população e a afluência de muita gente do concelho e fora dele que acorria aos festejos — Santa Bárbara, São Domingos e todos os santos populares deixavam a povoação em festa durante vários dias.

Este programa de festas a S. Domingos — Patrono dos artistas mecânicos da Mina de S. Domingos decorria nos dias 3,4 e 5 de Agosto de 1928.

Ao longo dos três dias de festejos, aconteciam vários eventos:

Alvorada e salva de tiros; Quermesse e venda de flores; Missa solene e Procissão pelas ruas da localidade; vários desportos no campo de futebol, como corridas em bicicleta, corridas negativas e fitas, corridas de velocidade, pau ensebado e apanhar o pato; Fogo de artifício preso e fogo de artifício aquático; jogos de futebol; arraiais com bailes populares e cinema ao ar livre todas as noites.

Além da Filarmónica da Mina de S. Domingos atuava também a Banda de Regimento de Infantaria 17 de Beja, oferecendo, como despedida e fim de festa, um magnífico concerto no jardim público.

A minuta do programa de festas faz parte do arquivo documental da Fundação Serrão Martins. O programa das festas, foi cedido pelo Sr. António da Graça Inácio e está disponível apenas em formato digital.



Centro de Documentação Mina de S. Domingos

Por Sara Ribeiro e
Susana Gomes

O Centro de Documentação da Mina de S. Domingos é um projeto da Fundação Serrão Martins para a recolha, arquivo, estudo e tratamento de todo o tipo de documentação (fotográfica, documental, material) com vista à preservação e valorização da memória coletiva dos 150 anos de história do complexo industrial da Mina de S. Domingos.
<https://www.fundacaoserraomartins.pt/>
| fserraomartins@gmail.com

Quem foi? Mercedes

[1867-1961)

Blasco



Conceição Vitória Marques, conhecida no mundo artístico como Mercedes Blasco, nasceu na Mina de São Domingos, no dia 4 de setembro de 1867. Foi uma popular atriz de opereta e revista, escritora, poetisa, professora, tradutora, jornalista, assim como, enfermeira voluntária na Primeira Guerra Mundial. Durante o seu percurso usou também os nomes artísticos Judith Mercedes Blasco e Judith Mercedes, assim como os pseudônimos Dinorah Noemia e Mam'selle Caprice.

Conceição Marques saiu com poucos meses da sua terra natal, Mina de São Domingos rumo a Huelva, Espanha, onde viveu até aos sete anos, idade com que foi com os pais, para a cidade do Porto. Aí frequentou a Escola Normal, onde tirou o curso do Magistério Primário e estudou língua francesa. Foi desde muito cedo preparada para uma carreira na medicina com acesso a uma educação acima da média.

Em 1888, ainda menor e à revelia da família, iniciou-se no teatro, após ter fugido de casa, no Teatro Chalet, sob o pseudónimo Judith Mercedes Blasco, no papel masculino "Jockey" na peça "Grande Avenida" de Francisco Jacobetty. Passou por uma série de teatros da capital e do Porto – Trindade, Condes, D. Amélia, Príncipe Real, Avenida, entre outros –, bem como por vários teatros no Brasil, França, Reino Unido, Espanha, Itália e Bélgica.

Devido à ocupação da Bélgica pelos alemães, no decorrer da I Guerra Mundial, Mercedes ficou retida naquele país, recusando-se, por uma questão de princípios, a trabalhar em palco para animar o exército alemão, sendo, assim, forçada a encontrar trabalho noutra área, pelo que exerceu, em Liège, as funções de professora de línguas. Esta atividade, com fraca remuneração,

marcou o início de um período de fortes carências económicas que terão pesado na morte do seu primeiro filho. Ainda durante a guerra, voluntariou-se como enfermeira na Cruz Vermelha para auxiliar os soldados feridos. Quando a guerra acabou, a atriz, já viúva, veio para Portugal com o seu filho mais novo – que haveria também de falecer, de tuberculose, em Lisboa, em 1922 – à espera de encontrar reconhecimento pelas suas ações durante a guerra, bem como, pelo seu trabalho enquanto atriz. Todavia, para seu grande desgosto, não encontrou, na sua terra natal, o reconhecimento esperado, pelo que, tirando algumas aparições em palcos menores sem grande sucesso, a carreira de Blasco como atriz acabou por ter desfecho inglório.

Dedicou-se, então, para sobreviver, à escrita, produzindo uma obra de mais de 30 volumes dispersos entre memórias, romances, novelas, peças de teatro, crónicas e traduções, bem como uma intensa atividade jornalística em vários periódicos de destaque, entre os quais O Século, A Capital, A Ilustração, o Diário de Lisboa, para os quais utilizava, para além de Mercedes Blasco, os pseudónimos Mam'zelle Caprice e Dinorah Noémia.

Foi “uma mulher muito avançada para o seu tempo, exibindo sempre elevado sentido de liberdade e desprezo do preconceito” (Mário Elias, 1992). Foi mãe solteira de 2 filhos e o seu percurso de vida foi repleto de escândalos e de ligações amorosas. O desdém pelas convenções sociais é também visível no facto de Mercedes ter sido a primeira mulher a utilizar a bicicleta – não só em palco, mas também nas ruas de

Lisboa, aqui como meio de transporte –, apesar das fortes críticas que tamanha ousadia suscitava. Mulher destemida, inteligente e trabalhadora, Mercedes Blasco destacou-se também pela defesa da condição da mulher e respetivos direitos.

No seu livro Vagabunda encontram-se importantes reflexões sobre o feminismo, “Eu, que nas horas em que o teatro me deixa livre, me comprazo em estudar vários aspetos sociais, que inquietam o meu espírito reto e justiceiro, entendo que a mulher pode e deve ser eleitora em todos os países e qualquer que seja a sua condição, sem que esse facto influa nas suas faculdades afetivas.”

Trilhou sempre o seu próprio caminho que, apesar de ter sido marcado pela aventura e pelo sucesso, foi também um caminho de dissabores, com perdas dolorosas e um fraco reconhecimento do seu talento, terminando, em 1961, na miséria e na solidão.

O reconhecimento do seu valor surge tardiamente, no começo do século XXI, apesar de já em 1992 Mário Elias se ter debruçado sobre a sua figura no livro O Drama de Mercedes Blasco. No seguimento das comemorações do seu 150.º aniversário de nascimento, é inaugurada uma placa identificativa do seu lugar de sepultura no Cemitério dos Prazeres em Lisboa, uma rua com o seu nome na Mina de S. Domingos e reeditado o seu livro de 1920 Vagabunda.



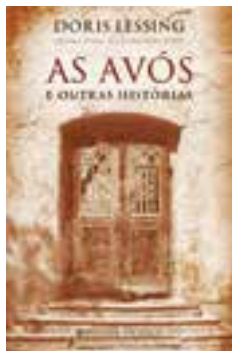
LITERATURA

LER



VIEIRA, Vergílio Alberto - **Avós são reis por detrás de um vidro.** [S.l.]: Crescente Branco, 2015

"... para os avós, o amor dos netos não é regresso ao passado, mas regresso ao presente - esse eterno presente para a qual a vida não é caminho, mas razão para caminhar"



LESING, Doris - **As avós e outras histórias.** Barcarena: Presença, 2008

"As Avós" apresenta-lhe quatro narrativas distintas, mas que têm em comum uma nostalgia por um mundo perdido. (...) nascimento, apogeu e declínio de uma civilização; um soldado da Segunda Guerra acredita ter um filho que nunca conseguiu conhecer..."



ELLIS, Elina - **A verdade sobre os avós.** Amadora: Fábula, 2021

"Quando somos crianças, todos os adultos parecem muuuuuuito velhinhos. Mas ser mais velho não significa ser chato e deixar de namorar ou de dançar..."



LETRIA, José Jorge - **Avô, conta outra vez.** Porto: Ambar, 2008

O menino cresce com «estrelas no olhar e andorinhas no sorriso», a ouvir muitas palavras novas e a saltitar em passos pequenos.

Feliz, o avô dá-lhe a mão enquanto planeia os longos passeios que farão e os livros que lhe lerá, esperando ouvi-lo sempre a pedir...

OUVIR



AVÔ CANTIGAS - **Canta-me histórias** [registo sonoro]. Barcarena: Farol Música, 2004

As histórias tradicionais ganham, pela voz do Avô Cantigas um carisma diferente. A harmonia e o ritmo musical que lhe acrescentou fazem as delícias dos mais pequenos. Veloso.

Horário da Biblioteca Municipal:

Horário de funcionamento: 2ª f. a 6ª f - 10 h - 12.30 h / 14.30 h - 18.00 h.

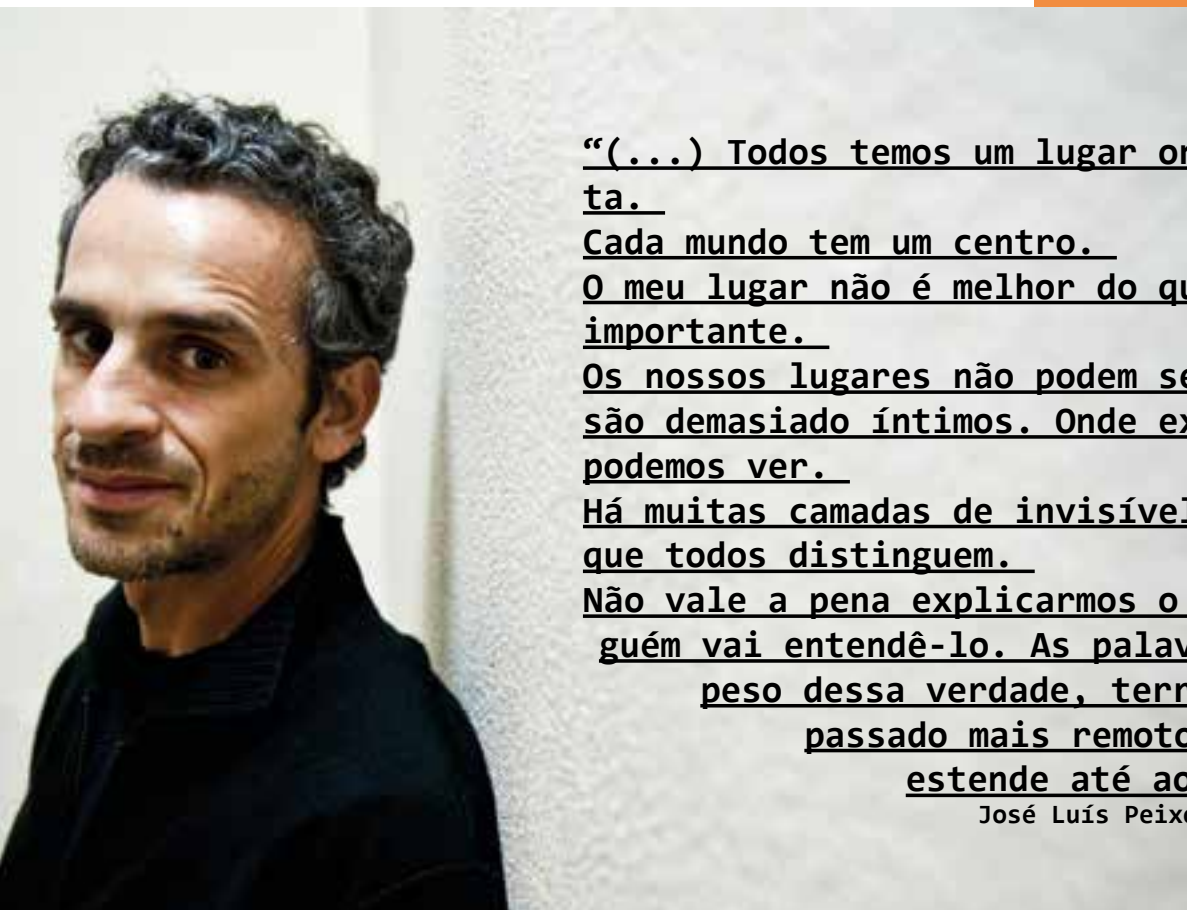
De 16 a 31 de agosto a Biblioteca estará encerrada ao público.

Uso de máscara obrigatória a partir dos 10 anos.

espaço autor

José Luís Peixoto

Por Cristina Taquelim com revisão de Paula Cusati



“(...) Todos temos um lugar onde a vida se acerta.

Cada mundo tem um centro.

O meu lugar não é melhor do que o teu, não é mais importante.

Os nossos lugares não podem ser comparados porque são demasiado íntimos. Onde existem, só nós os podemos ver.

Há muitas camadas de invisível sobre as formas que todos distinguem.

Não vale a pena explicarmos o nosso lugar, ninguém vai entendê-lo. As palavras não aguentam o peso dessa verdade, terra fértil que vem do passado mais remoto, nascente que se estende até ao futuro sem morte.”

José Luís Peixoto, in Galveias

Conheci o José Luís Peixoto há mais de 20 anos aquando da apresentação, em Beja, do seu primeiro livro Morreste-me, uma edição de autor de 500 exemplares. O crítico literário José Mário Silva diria a propósito desta novela que “Há livros de que não saímos ilesos (...)” Lembro-me de ter ficado profundamente emocionada com a dor e ter chorado desalmadamente do princípio ao fim. **Alguma coisa profundamente tocante chegava à literatura portuguesa com este livro. Não poderíamos adivinhar que ele seria escolhido como um dos 10 livros da primeira década do século XXI pela revista Visão.**

Durante os anos de colaboração que teve com a revista Rodapé, fui acompanhando os pequenos textos, crónicas e contos que generosamente partilhava. Sempre o imaginei uma pessoa triste. Quando numa das missões às feiras do livro dos PALOP, nos encontramos partilhámos públicos e também peixe assado, fruta-pão e minis. Na beira do cais, contámos histórias e dançámos semba e funaná. Nesses dias de descoberta intensa para ambos, o “Peixoto” desaparecia misteriosamente por umas horas e quando regressava trazia sempre a história de alguém ou de algum lugar que tinha acabado de descobrir. Já aí mostrava atenção aos pequenos detalhes que transformavam cada narrativa num lugar desejado para visitar.

Ao longo destes anos fui regularmente encontrando o José Luís Peixoto nas páginas de jornais e revistas, nos livros que escreveu. Ainda hoje, sempre que o leio, recordo aquela tristeza primeira, aquela nostalgia pelo que ainda virá, aqueles silêncios que ressoam no avesso das palavras que usa para contar os dias. Isso encanta-me na sua obra.

José Luís Peixoto nasceu na aldeia de Galveias, no Alto Alentejo, onde viveu até aos 18 anos. Estudou Línguas e Literaturas Modernas, na variante de estudos ingleses e alemães, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Após terminar a sua licenciatura, foi professor em várias escolas portuguesas e na Cidade da Praia, em Cabo Verde.

A partir de 2001, dedicou-se profissionalmente à escrita. É hoje um dos autores de maior destaque na literatura portuguesa contemporânea, no romance, na novela, na poesia e também como colunista de vários órgãos de imprensa portugueses.

Com 27 anos foi-lhe atribuído o Prémio Literário José Saramago pelo romance Nenhum Olhar (2001). Em 2007, Cemitério de Pianos recebeu o prémio destinado ao melhor romance estrangeiro publicado em Espanha. Com Livro venceu o prémio Libro d’Europa (2013). Em 2012 mergulhou na literatura de viagem, lançando Dentro do Segredo: Uma viagem

na Coreia do Norte. Em 2014, lança o livro Galveias – nome da sua terra de nascimento e onde pertencerá para sempre – que é premiado no Brasil, em 2016, com o Prémio Oceanos.

Pela sua poesia também foi numerosas vezes distinguido: Prémio Daniel Faria de 2008, pelo seu livro Gaveta de Papéis, e em 2013 o prémio da SPA para o livro Criança em Ruínas. Uma Casa na Escuridão foi incluído na edição europeia de "1001 Livros para Ler Antes de Morrer – Um guia cronológico dos mais importantes romances de todos os tempos".

As suas mais recentes obras são Autobiografia (2019) e Almoço de Domingo (2021), na prosa, e Regresso a Casa (2020), na poesia. Os seus romances estão traduzidos em mais de trinta idiomas.

Escrever sobre as histórias do seu lugar e dos lugares por onde passou, construindo sucessivas ficções e diálogos entre quem vive, quem observa, quem narra, parece ser quase um vício.

Ele tem uma forma única de interpretar o mundo, como se o fantástico pudesse ser contado com a naturalidade da linguagem do quotidiano. Mas não nos iludamos. Atrás da aparente simplicidade estão muitas camadas de leitura. A escrita de José Luís Peixoto, entre muitas outras coisas, também traça um retrato do mundo rural português, fazendo lembrar muitas vezes o mestre Juan Rulfo. É uma escrita sem fronteiras de género, como se os poemas por vezes contassem histórias e as narrativas se constituíssem como belos poemas.

Bibliografia

Morreste-me (Prosa, 2000)
Nenhum Olhar (Romance, 2000)
A Criança em Ruínas (Poesia, 2001)
Uma Casa na Escuridão (Romance, 2002)
A Casa, a Escuridão (Poesia, 2002)
Antídoto (Prosa, 2003)
Cemitério de Pianos (Romance, 2006)
Cal (Prosa e Teatro, 2007)
Gaveta de Papéis (Poesia, 2008)
Livro (Romance, 2010)
Abraço (Prosa, 2011)
A Mãe que Chovia (Infantil, 2012)
Dentro do Segredo (Viagens, 2012)
Galveias (Romance, 2014)
Em Teu Ventre (Novela, 2015)
Todos os Escritores do Mundo têm a Cabeça Cheia de Piolhos (Infantil, 2016)
Estrangeiras (Teatro, 2016)
O Caminho Imperfeito (Viagens, 2017)
Autobiografia (Romance, 2019)
Regresso a Casa (Poesia, 2020)
Almoço de Domingo (Romance, 2021)

_PARA LER ... RECOMENDA



Autobiografia

José Luis Peixoto
ED. Quetzal
2019)

Demorei a entrar neste Autobiografia (2019), livro de José Luis Peixoto, por muitos considerado como o seu melhor romance. Por vezes acontece que o tempo de um grande livro não é o nosso tempo e eu demorei a entrar no ritmo proposto pelo autor. Desde logo precisei vencer o desafio

do jogo dos nomes, a mudança brusca das cenas, dos lugares, dos tempos, a dúvida sobre os limites e fronteiras entre narrador e personagens. Depois precisei de me abandonar à rota singular que o autor desenhou para os leitores e perder-me no jogo de espelhos que propõe e onde se diluem as fronteiras entre o real e o imaginado.

Este é um romance que exige envolvimento, compromisso, já que o autor, como ele mesmo referiu, vai colocando algumas rasteiras difíceis ao leitor que esteja mais habituado a leituras cronológicas.

Usando como pano de fundo o Portugal de 1998 e a ilusão de progresso que nasce depois da adesão à Europa, o autor constrói uma narrativa onde os “José[s]” se vão encontrando em diferentes tempos e circunstâncias: Um escritor José [Saramago], um aprendiz de escritor também José, uma história contada ainda por outro José (o autor José Luís Peixoto) que a desenvolve, tendo como pretexto a encomenda de uma biografia de Saramago ao jovem aprendiz de escritor.

Dividido entre a dúvida de ser capaz de responder ao desafio do editor, engolido pela incapacidade de escrever o seu segundo romance, José vai acumulando aos seus problemas pessoais – jogo, alcoolismo, ruína financeira, relações – o

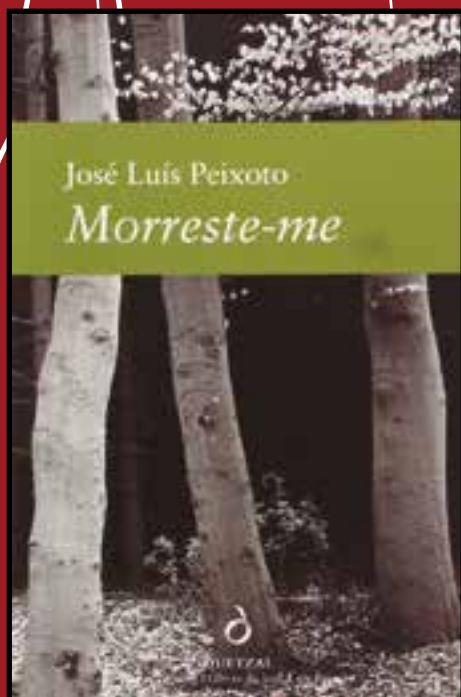
sentimento de impotência em penetrar na obra de Saramago de quem apenas consegue aproximar-se ficcionalmente, recriando episódios do seu percurso como se fossem cenas de um romance. Nas personagens escolhidas por José Luis Peixoto ressoam nomes que encontramos em alguns livros de Saramago: Lídia, de “O Ano da Morte de Ricardo Reis”; Bartolomeu de Gusmão, de “Memorial do Convento”; Raimundo Silva, de “História do Cerco de Lisboa”, entre outros.

Autobiografia oferece uma narrativa mais fragmentada do que em outros romances, mas também uma linguagem ainda mais cuidada e apurada. O autor propõe um diálogo com a figura e com a complexidade da representação social e literária da obra de Saramago, mas trata-se de uma construção literária e não de uma reconstituição histórica.

O livro guarda revelações que apenas se esclarecem mesmo no final, mantendo o leitor preso no emaranhado dos pensamentos e ações dos personagens, confirmando que “(...) a literatura consiste em “contar-me a mim próprio através do outro e contar o outro através de mim próprio”. Quanto do escritor José Luis Peixoto mora neste José aprendiz? E quanto de Saramago mora neste Peixoto?

_Prosas

(...)



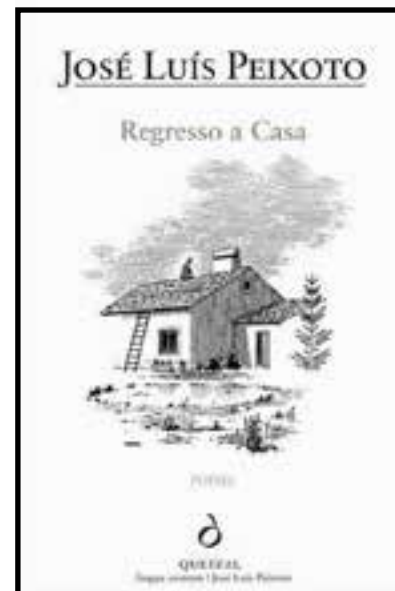
“Pai. A tarde dissolve-se sobre a terra, sobre a nossa casa. O céu desfia um sopro quieto nos rostos. Acende-se a lua. Translúcida, adormece um sono cálido nos olhares. Anoitece devagar. Dizia nunca esquecerei, e lembro-me. Anoitecia devagar e, a esta hora, nesta altura do ano, desenrolavas a mangueira com todos os preceitos e, seguindo regras certas, regavas as árvores e as flores do quintal; e tudo isso me ensinavas, tudo isso me explicavas. Anda cá ver, rapaz. E mostravas-me. Pai. Deixaste-te ficar em tudo. Sobrepostos na mágoa indiferente deste mundo que finge continuar, os teus movimentos, o eclipse dos teus gestos. E tudo isto é agora pouco para te conter. Agora, és o rio e as margens e a nascente; és o dia, e a tarde dentro do dia, e o sol dentro da tarde; és o mundo todo por seres a sua pele. Pai. Nunca envelheceste, e eu queria ver-te velho, velhinho aqui no nosso quintal, a regar as árvores, a regar as flores. Sinto tanta falta das tuas palavras. Orienta-te, rapaz. Sim. Eu oriento-me, pai. E fico. Estou. O entardecer, em vagas de luz, espria-se na terra que te acolheu e conserva. Chora chove brilho alvura sobre mim. E oiço o eco da tua voz, da tua voz que nunca mais poderei ouvir. A tua voz calada para sempre. E, como se adormecesses, vejo-te fechar as pálpebras sobre os olhos que nunca mais abrirás. Os teus olhos fechados para sempre. E, de uma vez, deixas de respirar. Para sempre. Para nunca mais. Pai. Tudo o que te sobreviveu me agride. Pai. Nunca esquecerei.”

Excerto de Morreste-me, José Luís Peixoto, Quetzal Editores.

Licença poética

Olho para o livro que me emprestaste e que nunca devolvi. Também ele olha para mim. Tem as marcas da tua leitura, certos vincos no branco das páginas, manchas subtis e difusas como nuvens, restos das tuas mãos ou do teu olhar. Espero que não penses sobre mim o que penso sobre as pessoas que nunca me devolveram os livros que emprestei. O que pensarás tu sobre mim? Nunca li o livro que me emprestaste, preferi sempre imaginá-lo. Suponho que ainda se sinta estrangeiro entre os meus livros, mas agora é demasiado tarde para devolvê-lo, há tanto tempo que não falamos, não sei se ainda guardo o teu número de telefone. O que pensarias se agora, a despropósito, te quisesse devolver o livro? Havias de pensar que queria alguma coisa. Sabes, fico com o teu livro porque não quero nada. Provavelmente, nunca te devolverei este livro, fará parte do meu espólio, é a última ligação que temos.

José Luís Peixoto, in Regresso a Casa, Quetzal Editores.



AR

QUI

TETU

RAS A

SUL



Cine-Teatro da Mina

No meu Caderno de Viagem...

Arquiteto Rui de Carvalho, CMM.

No meu caderno de viagem figuram com destaque diversos apontamentos vigorosos que marcam de forma indelével a torrente sensorial que vivi, quando no longínquo verão de 87 acampeei na Tapada Grande, na Mina de São Domingos, para um final de férias de irreverente juventude. Nesse imenso espaço impressionante encontrei as paisagens místicas e urbanas dos meus reminiscentes. Paisagens de água, paisagens de indústria, paisagens de bairro operário periférico, paisagens de arquitetura, paisagens de ruína, paisagens de desconhecido e paisagens de aventura, de pessoas, de recreio e de convívio.

Na Mina sentia-se a atmosfera da liberdade alcançada, mas ao mesmo tempo a marca de um pat(ro)nalismo. Algo que me era distante, mas igualmente próximo e familiar. Uma ambiguidade mais tarde clarificada por uma conexão inata com a incontornável cidade industrial onde nasci e cresci.

Lembro esse grande conglomerado industrial onde se viveu intensamente sob a égide produtiva de um Portugal capaz e notório. Lembro a frase empreendedora de Alfredo da Silva (1) - O que o país não tem a CUF cria. Lembro o meu avô futebolista e ferroviário e a sua visão sobre o comboio e o desporto ao serviço da coletividade. Lembro as muitas sociedades recreativas, os teatros e os cine-clubes, também os clubes desportivos e seus campos de futebol, os ecletismos culturais e artísticos, os arraiais e os jardins... No seu tempo, à sua escala, sabe-se que também foi assim na Mina de São Domingos (2).

Pela aventura, pela sedução do desconhecido e pela oportunidade de transformação, voltei ao mesmo lugar no inverno de 98, arquiteto motivado para um projeto arrebatador de salvaguarda e reabilitação desse imenso património singular que é a Mina de São Domingos.

No conjunto de equipamentos que a empresa mineira La Sabina transferiu para o município, ao abrigo do processo de reorganização e planeamento que então coordenei, de 98 a 2004, destacava-se o proeminente Cine-Teatro da Mina. Era impositivo e estrategicamente situado na via principal e no largo de confluência que partilhava com a fachada-topo do campo de futebol Cross Brown, onde afluíam a Rua do Teatro (3), do lado dos trabalhadores qualificados e a Rua Dr. Rocha, do lado da elite inglesa.



O Cine-Teatro, tal como o Palácio da Direção e outros edifícios de serviços de apoio a esta grande indústria mineira, encontravam-se nessa altura devolutos e em prenúncio de ruína. Suscitavam, porém, a oportunidade para satisfazer a curiosidade de saber o que ainda poderiam conter e contar dos seus tempos áureos, e para desfrutar de uma viagem especial que algures adiante já não seria possível repetir.

Documentar a alma destes espaços e lugares é algo de fascinante. São como territórios de ninguém, onde habitam histórias de vidas encerradas no esquecimento. Um momento especial em que nos é permitido ouvir o que os materiais e os artefactos têm para nos contar, em que podemos tocar e cheirar essas ambiências de momentos festivos, intensos e povoados de vivências, sentimentos e emoções, por contraponto aos outrora reprimidos no quotidiano do árduo labor.

A vida dos edifícios também é uma viagem e as marcas do seu trajeto muito nos revelam. O Cine-Teatro da Mina mostra-nos algumas singularidades que engrandecem o seu carácter e fortalecem o seu futuro. No desenho da sua implantação, surge alinhado com a estrada para Serpa, o que sugere também uma transição do modelo de urbanismo da povoação, em que o desenho orgânico e adaptado ao espaço e ao terreno dá lugar ao desenho mais moderno e geométrico definido por eixos e alinhamentos.

No seu princípio foi “O Teatro”, um espaço dedicado a funções de prática cultural de teatro e música e de recreio social, como bailes e outros espetáculos musicais, naturalmente para os mais qualificados, quadros e elites, e não para os operários mineiros

que aqui não teriam espaço nem lugar por razões óbvias. Só muito mais tarde veio o cinema (4), um advento que alcançou mais gente, de mais classes e lugares, também pelo progresso do seu tempo, e onde a bilheteira controlava o acesso. Desse tempo de grandes películas retemos o desenho dos bancos e das cadeiras antigas diferenciando as classes, os cinzeiros e a sala de fumo geral e superior e o bufete, que nos sugere uma adaptação à moda, mas também o bem-estar e a segurança face ao risco de incêndio. No Foyer e na antecâmara predominavam os elementos decorativos de gosto art deco.

Grandes filmes e estrelas do cinema americano terão feito gloriosas as noites de muitos dessa época. O Cine-Teatro da Mina, com uma das primeiras máquinas de projetar no Alentejo (5) era ele mesmo uma estrela de cartaz na região. Mas foi nos últimos tempos da Mina, nos anos 60, que teve uma grande atividade como cinema aberto ao público em geral. Por aqui passaram os grandes clássicos do cinema de então, de Casablanca, com Humphrey Bogart (1942) a Zorba, O Grego, com Anthony Quinn (1964), seguindo-se nos 70 o cinema de aventura com cowboys e kung-fu.



Depois de votado ao abandono por muitos anos veio a retomar a dignidade com uma exposição realizada pelo Município, alusiva à história, arqueologia e património industrial, que assinalou os 150 anos da Mina de São Domingos (2004). Um momento de reencontro da comunidade e do espaço com a sua história e que teve subjacente o renascimento do grande Cine-Teatro como centro Cultural Raiano, um projeto com requisitos exigentes para uma sala de espetáculos, mas que não chegou a ser concretizado.

A reabilitação do Cine-Teatro assenta numa abordagem mais simplificada, neutra e versátil, essencialmente fornecendo ao município e à sua comunidade um espaço que pode acolher múltiplas expressões de criatividade e de comunicação. Do projeto anterior, do qual também fui autor, subsistiu a ideia de que este edifício teria de se manter singular e importante, um arquétipo do seu género, em que a feição industrial é prevalente e se traduz principalmente no seu volume único, alto e longo; paredes grossas de alvenaria de pedra rebocada, com vãos clássicos, fundos e elegantes em arco de volta inteira e emoldurados; cobertura de duas águas em telha Marselha com desvão assente sobre madres de madeira e asnas de aço em tesoura tipo Polonceau (6). Um modelo bem ao tempo da arquitetura industrial e do ferro, que se reconhece nas grandes estações de comboios, mercados, e outros equipamentos públicos que nos deixou a sociedade burguesa do séc. XIX e de principio do séc. XX.

No meu caderno de viagem a cor da Mina é a cor da Serra Vermelha, a cor do Chapéu de Ferro e da peneira do Gossan (7), do Almagre do chão, mas também a cor do aço pintado das pontes e dos navios, dos guindastes, dos pórticos gigantes da nossa indústria, que a minha geração viu em laboração, e que se quis transmitir como uma corrente mecânica, desde o passado ao presente, ligando ao futuro. As atmosferas do passado foram assim a inspiração e a oportunidade para uma reinvenção do espaço e do tempo.

Rui Carvalho (1966)

Arquiteto no Município de Mértola, foi coordenador do Gabinete Técnico Local da Mina de São Domingos (1998-2000); Mestre em Ordenamento do Território e Planeamento Ambiental com a Dissertação - "Património Industrial e Valorização do Território. A Mina de São Domingos" (FCTUNL 2009) e Doutorando da Universidade de Sevilha com o projeto de investigação - "Paisagem Cultural da Mineração no Território Fronteiriço Chança-Guadiana.

REFERÊNCIAS

(1) Alfredo da Silva foi um importante empresário e industrial português e um dos maiores da Europa. Fundou em 1907 o complexo fabril da CUF no Barreiro e desenvolveu um programa de assistência e apoio aos seus trabalhadores, único no país até hoje, com bairros habitacionais para operários e engenheiros, despesa de viveres, assistência médica, infantários, escolas primárias, refeitórios, complexo desportivo, colónia de férias, entre outras, chegou a ter 8.000 trabalhadores. (Fonte - C.M.B.)

(2) A Mina de S. Domingos foi redescoberta para a mineração industrial em 1854 e tornou-se um dos maiores complexos mineiros do seu tempo. Pela mão do seu diretor e engenheiro britânico James Mason, a empresa Mason & Barry Ltd. construiu em poucos anos um povoado permanente adjacente à estrutura industrial produtiva, com bairros operários, casas para engenheiros, palácio, igreja, mercado, escola e teatro, tudo o que era necessário para a fixação de uma "comunidade industrial muito orgulhosa de si" que chegou a ter cerca de 4000 habitantes. (Fonte - CARVALHO, Rui E.G. - Mina de São Domingos, Património Industrial e Valorização do Território, 2009).

(3) A Rua do Teatro, renomeada de Rua da Liberdade após revolução de 1974, indica-nos como era designado o edifício antes de se ter convertido em Cine-Teatro. De acordo com a cartografia publicada podemos verificar que o edifício do Teatro já estava construído em 1911, sendo visível o pequeno volume adossado correspondente aos camarins.

(4) As exhibições cinematográficas de cinema mudo ocorreram inicialmente nos teatros, sem equipamentos específicos para sua realização, tornando-se em importante atração em feiras e festas populares. Só com o cinema sonoro português a partir dos anos 30 e 40 se dá a introdução de equipamentos e a adaptação ou construção de salas para projeção. Na Mina de São Domingos o Cine-Teatro foi adaptado de acordo com projeto de 1960, que introduz um novo ecrã, o cabine de projeção, salas de fuma, bufete e wc. (Fonte - Projeto de Licenciamento de Modificações no Cine-Teatro, Mason & Barry Ltd, 1960)

(5) A última máquina utilizada foi um projetor sonoro de 35mm, que ainda se encontra na cabine de projeção original de 1960.

(6) Adaptação do sistema da asna Belga em tesoura para o tipo Polanceau, com introdução do uso de aço, mais comum depois da revolução industrial.

(7) Terra vermelha foiceada que proveio dos entulhos de desmonte do chapéu de ferro que continham teores de ouro e prata.



MÃOS

MANUA LIDADES



A ARTE DE FAZER COM AS MÃOS

Manuel de Jesus Encarnação Confeiteiro
80 anos, Mértola



Fui sempre pescador.

Por Manuel Passinhas, CMM.

Só parei com a pesca enquanto estive no Ultramar. Estive dois anos em Angola, apanhei a força da guerra. Fui para lá em 1962 e voltei em 1964. Depois continuei com a pesca e aqui estou ... sempre vivi da pesca. Criei três filhos, só com o rio. Só muito mais tarde é que fui para o estrangeiro. Corri "Seca e Meca e vale de Santarém". Estive em França, daí fui para a Suíça... mas continuei sempre com a pesca. Agora com a idade larguei.





Antigamente, quando havia fartura de peixe, conseguia-se vender tudo porque havia arneiros que hoje não há, porque não há peixe. Os arneiros vendiam toda a espécie de peixe, barbos, sabogas mas também carapaus, sardinhas... iam por esse concelho fora. O peixe chegava vivo à praça e depois ia logo para fora, chegava a ir para o concelho de Castro Verde.

Nos últimos dois anos só pesquei dois ou três meses, o resto foi para descansar. Não havia nada para pescar. O Alqueva foi muito bom para o regadio, agora os pescadores estão despachados. Lampreias não as há, o ano passado não apanhei nenhuma, eu que cheguei a apanhar vinte e duas lampreias numa só rede. Este ano apanhei uma.

As despesas para pescar são muitas, pagam-se muitas licenças. Tinha que pagar a licença para pescar, o despacho do barco, o seguro...mais o equipamento...

Houve um certo tempo em que fazíamos as redes à mão.

Faziam-se em casa, era uma carga de trabalhos. Partia-se uma e lá tínhamos que estar a fazer tudo à pressa.

As redes faziam-se de forma normal, conforme era a malha assim a gente as fazia. Usava-se uma forma e uma agulha, normalmente feita de esteva que era para durar mais. No princípio, utilizávamos a linha de carrinho, era a linha que servia para coser a roupa, não tinha força nenhuma, estava sempre a partir. Depois começámos a fazer com linha "aveira". Era uma rede muito boa em que a linha vinha de Aveiro.

Quando as redes de nylon apareceram, por um lado foi bom, mas por fim “vai-se ver as coisas” e os resultados não foram os melhores. Partiam-se menos, duravam mais e eram “mais pescadoras”. Nos primeiros anos apanhavam-se muitos peixes com aquelas redes. Se antigamente se pescavam 20 kg de peixe, com as redes de nylon passaram-se a pescar 50 kg ou mais. Como não se conseguia vender tudo, muito do peixe estragava-se.

Uma rede tem à volta de mil e duzentas carreiras com sessenta malhas de altura. No meu tempo não havia de cento e vinte ou cento e quarenta, como agora.

Antes pescava-se com toda a malha. Agora a de 35 é para a lampreia, a malha de 60 para a saboga... conforme a espécie assim é a malhagem.

Depois de feitas as redes põem-se, na parte de cima as boias que antigamente eram de cortiça e em baixo o chumbo para equilibrar com as boias. Comprávamos o chumbo à do senhor Baptista, era o que o que sobrava das urnas. Cortávamos as chapas em tiras, dobrávamos, passávamos o cabo e por fim apertávamos.

Às vezes levantávamo-nos às 4 da manhã para fazer redes, conforme era a pressa de fazer as redes assim era o trabalho. Cheguei a fazer “atarrafas”. Uma vez perdi uma ao pé dos Canais. Cheguei a deitar-me à meia-noite e às 4 da manhã já estava a fazer nela. Em menos de uma semana já estava feita. Nos dias de hoje é proibido pescar com “atarrafa”.

Outros tempos... agora compram-se as redes já feitas, compra-se a rede miudinha e fazem-se as alvitanas que é a rede de malha grande, para pôr do lado de trás e à frente da rede miúda.

Para além das “atarrafas” e das redes, tínhamos os aparelhos para a apanha da enguia. Fazíamos os aparelhos com 100 a 150 anzóis atados a uma corda e separados por cerca de 80 cm para não enlearem. Aquilo mete-se tudo dentro de uma “costura” (agora usa-se o alguidar de plástico). Vão-se prendendo os anzóis à “costura”. Isca-se com minhocas e vai-se pondo de lado. Depois de iscado vamos largando a corda com os anzóis para dentro de água, isto serve para a apanha da enguia (até isso já não há!).

Ainda cheguei a fazer nassas. Com o auxílio de uma forma redonda vai-se pondo a rama do vimeiro. Chega-se a certo ponto espalma-se, deita-se no chão com uma pedra em cima da forma. Deixa-se estar a ganhar aquela forma durante um dia. A parte de cima é ao contrário, vai-se apertando e depois leva os nassos para a entrada do peixe. Os nassos são uns buracos onde são colocados uns paus fininhos, cruzados e inclinados para dentro, o peixe entra mas já não consegue sair. Nassa ou covão, para a gente é a mesma coisa. Agora apareceram as nassas de rede, vieram de Espanha.

Uma das coisas que contribuiu muito para a degradação do rio foi a pesca da “irozinha”. Era feita com umas redes muito fininhas.





Na altura ganhava-se muito dinheiro com a pesca da “irozinha”, havia quem ganhasse mais de 500€ por noite. Usavam-se as “rapetas” e redes, as redes de saco, ficava tudo lá dentro, com a força da água, “as criações, mais fraquinhas”, morriam. As redes eram passadas de um lado ao outro do rio. “O que servia (irozinhas) servia, o que não servia ia fora”.

Agora a pesca no rio está a acabar, a água baixou muito desde que fizeram a barragem do Alqueva e para repor alguma coisa que se veja, para haver mais peixe, é preciso que chova muito, é preciso que a barragem encha para soltarem alguma água.

A minha família é toda de pescadores, desde o meu bisavô, o meu avô, o meu pai. Eu tenho pena disto mas o que é que vou fazer? Isto está acabado.

Os meus filhos e os meus netos são pescadores desportivos assim não se acaba a arte da pesca na família.

*Eu criei três filhos,
só com o rio!*



C
A
P
P
A

P
A

O

T
A
R
R

TWELVE NO. 020 ASSORTED COLORS
TRADE MARK REG.

School Crayons

AMERICAN LEAD PENCIL CO.

NEW YORK

Serviços Educativos _ Viagem ao Centro da Terra

Capacitar para a geologia do território – Programa educativo da Candidatura do Vale do Guadiana a Geoparque.
Sérgio Esperancinha _ geólogo, candidatura Geoparque do Vale do Guadiana.

Na edição de janeiro de 2021 desta Agenda Cultural, escrevi sobre a importância do ensino e divulgação das geociências como forma de consciencializar os cidadãos sobre a quantidade de recursos que, como sociedade, consumimos. As mudanças sociais que terão de ocorrer, rumo a uma sociedade verdadeiramente sustentável, apenas serão possíveis se todos entendermos quais são, de onde vêm e de que forma são obtidas as matérias-primas que compõem os objetos e serviços que utilizamos. Se entendermos que as nossas atividades, quaisquer que sejam, têm invariavelmente impacto ambiental e consomem recursos terrestres que são finitos.

Nesta lógica, as geociências, principalmente através da promoção da geodiversidade e do património geológico, destacam-se no conjunto de ferramentas que

podemos utilizar para alcançar esse objetivo de sustentabilidade. Uma das organizações que mais tem trabalhado nesse sentido é a UNESCO.

A UNESCO trabalha para o avanço e promoção da ciência no interesse da paz, do desenvolvimento sustentável, segurança e bem-estar humano. Este trabalho é feito em estreita colaboração com os seus Estados-Membro e múltiplos parceiros. Sendo a única agência das Nações Unidas mandatada para apoiar a investigação e capacitação no domínio das Ciências da Terra, o seu trabalho assenta em dois pilares fundamentais: o Programa Internacional de Geociências (IGCP na sigla inglesa) e a Rede Mundial de Geoparques (UGGP na sigla inglesa). Juntos formam o IGGP, Programa Internacional de Geociências e Geoparques UNESCO.

A UNESCO trabalha para o avanço e promoção da ciência no interesse da paz, do desenvolvimento sustentável, segurança e bem-estar humano. Este trabalho é feito em estreita colaboração com os seus Estados-Membro e múltiplos parceiros. Sendo a única agência das Nações Unidas mandatada para apoiar a investigação e capacitação no domínio das Ciências da Terra, o seu trabalho assenta em dois pilares fundamentais: o Programa Internacional de Geociências (IGCP na sigla inglesa) e a Rede Mundial de Geoparques (UGGp na sigla inglesa). Juntos formam o IGGP, Programa Internacional de Geociências e Geoparques UNESCO.

O IGCP, criado em 1972 em colaboração com a União Internacional das Ciências Geológicas (IUGS), funciona como um núcleo de conhecimento através do qual a UNESCO facilita a cooperação científica internacional no domínio das geociências. A sua missão inclui o incentivo à utilização sustentável dos recursos naturais; a promoção de iniciativas relacionadas com a geodiversidade e proteção do património geológico; capacitação no domínio dos riscos geológicos e da sua mitigação e também sobre os processos da geodinâmica global do planeta Terra. Através do IGCP são atualmente financiados mais de 57 projetos de cooperação internacional em 92 Estados-Membro. Neste conjunto de projetos, é possível identificar vários cujo trabalho contribui diretamente para a implementação dos Objetivos de Desenvolvi-



to Sustentável (ODS) tal como abordado na Agenda Cultural de abril.

O património geológico, locais ou regiões de elevado valor geo-científico, educacional, cultural ou estético e por isso considerados dignos de conservação, é hoje protegido através da Rede Mundial de Geoparques UNESCO que conta atualmente com 169 Geoparques em 44 países, entre os quais se encontram os Geoparques Naturtejo, Arouca, Açores, Terras de Cavaleiros e Serra da Estrela, todos em território nacional.

A UNESCO define um geoparque como um território de limites geográficos bem definidos e unificados, que apresenta um património geológico único de valor internacional verificado por peritos da União Internacional das Ciências da Terra de forma independente. No entanto, a mera existência de património geológico de valor internacional não basta para um território ser designado como Geoparque Mundial UNESCO. Para tal, é essencial que o território seja gerido de forma holística, promovendo o desenvolvimento socioeconómico, cultural e ambientalmente sustentável da região. Nos Geoparques Mundiais UNESCO é essencial demonstrar as ligações entre o património geológico e o património natural, cultural e imaterial, promovendo a compreensão de questões-chave como a utilização dos recursos da Terra, o impacto das catástrofes naturais, os efeitos e a mitigação das alterações climáticas e a capacitação das populações locais.

Embora a proteção do património geológico – representado pelos geossítios de cada território – seja um especto importante dos Geoparques, a sua verdadeira força reside nas comunidades locais. Estas, utilizam o património – interligado nas suas várias vertentes através do conceito do Geoparque – para gerar benefícios económicos, através da criação de pequenas empresas dedicadas ao geoturismo ou à promoção de produtos locais. O impacto positivo dos Geoparques verifica-se também nas escolas da região, que se empenham na proteção do território, ensinando aos seus alunos o significado do desenvolvimento sustentável e utilizando o seu próprio território como um laboratório a céu aberto.



Aula Aberta

Primeiras Leituras

Paula Cusati e Cristina Taquelim (Coordenadora do Plano Local de Leitura de Mértola)

Os primeiros 1000 dias da vida de uma criança são fundamentais para o seu subsequente desenvolvimento físico, cognitivo e emocional.

Zelamos pela alimentação e saúde do bebê, mas muitas vezes não valorizamos ou desconhecemos o papel nutritivo da palavra nas idades mais precoces, ignorando como a relação com os textos da tradição oral e os primeiros livros facilitam a vinculação afectiva e constituem um motor da capacidade de pensar, de imaginar, de interagir com o que nos rodeia e de interpretar e compreender o mundo.

Os primeiros livros permitem aceder às descobertas leitoras iniciáticas, numa abordagem exploratória, em que o brincar, o pensar, a leitura e a linguagem se fundem num só gesto.

Os bebés leem com os cinco sentidos e com o corpo todo: com os olhos e os ouvidos, mas também com as mãos e a boca. Devoram literalmente os seus livros preferidos. Os primeiros livros deverão ser efetivamente considerados objetos que pertencem ao território do brincar, que permitem à criança aceder ao mundo do “faz-de-conta”. Livros de tecido, cartonados ou plastificados, de preferência com cantos redondos, talvez com janelas e orifícios que revelem surpresas, e adequados a mãos pequeninas. Os melhores serão sempre os que não subestimam a capacidade de compreensão da criança, ampliam a sua experiência, nutrem o seu imaginário e convidam ao maravilhamento, ao diálogo, à reflexão e à releitura.

Qualquer altura em que o adulto e a criança estejam serenos e disponíveis será boa para ler mas a hora de dormir constitui um momento perfeito para a criação deste ritual da leitura em família. A entrega psíquica, afetiva e lúdica do adulto é fundamental no acesso da criança ao mundo dos livros, já que esta está dependente claramente dele e da sua mediação para a entrada noutros mundos ficcionais. Ler diariamente para e com a criança, pensar, sentir e acompanhar, escutando e valorizando os tempos do bebê; garantir o contacto direto com os livros, o seu manuseamento e exploração, o formular de hipóteses e a sua confirmação; criar um tempo de cumplicidade e de ternura em redor da leitura e da palavra, todas estas são ações de um valor incalculável. Daí a importância de pensar e proporcionar experiências leitoras, artísticas, culturais e formativas regulares não só às crianças, mas também aos adultos que as acompanham.

Polinizadores NA AGENDA NACIONAL

Por Sônia Ferreira, Bióloga, Cibio InBio

A polinização é um serviço dos ecossistemas vital para a natureza, a agricultura e o bem-estar humano. A polinização animal é um serviço dependente da biodiversidade e suporta as populações de mais de 90% das plantas silvestres. Os polinizadores silvestres, em especial os insetos polinizadores, fornecem benefícios consistentes à escala global e afetam diretamente a produção de 75% das principais culturas agrícolas. No entanto, este importante grupo de organismos está atualmente sujeito a várias pressões globais que representam uma forte ameaça à conservação da biodiversidade, assim como à produção agrícola sustentável. As principais pressões são bem conhecidas e incluem alterações dos usos do solo, intensificação agrícola com utilização crescente de agroquímicos, invasões biológicas e alterações climáticas. As alterações no uso do solo causam fragmentação, perda e simplificação de habitat e conduzem a uma redução contínua de reservatórios naturais de biodiversidade funcional e, de forma concertada com outros fatores, ameaçam a persistência das populações de polinizadores e plantas silvestres, bem como o funcionamento e sustentabilidade dos ecossistemas.



O papel essencial dos polinizadores foi reconhecido pelas entidades governamentais, quando a Convenção para a Diversidade Biológica (CBD) estabeleceu a Iniciativa Internacional de Polinizadores (IPI), apoiada e coordenada pela FAO, com o objetivo de proteger os polinizadores selvagens e domesticados, e promover o uso sustentável dos serviços de polinização. O plano de ação para 2018-2030 está alinhado com o Plano Estratégico para a Biodiversidade, a Visão para a Biodiversidade 2050 e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (Agenda 2030), e destaca a necessidade de promover investigação, avaliação e monitorização dos polinizadores, aumentar a consciencialização e transferência de conhecimentos, melhorar ferramentas de avaliação para apoio à tomada de decisão e implementar práticas amigas dos polinizadores. Portugal não estabeleceu (ainda) uma iniciativa governamental nacional especificamente direcionada para os polinizadores e a polinização, mas a sua importância está patente na Estratégia Nacional de Conservação da Natureza e Biodiversidade 2030.

No dia 5 de junho foi dado um primeiro passo para o desenvolvimento de uma iniciativa concertada à escala nacional com a apresentação pública da Polli.NET, a Rede Colaborativa para a Avaliação, Conservação e Valorização dos Polinizadores e da Polinização.

A Rede Colaborativa tem como missão promover a conservação dos polinizadores, a sustentabilidade dos serviços de polinização e a resiliência dos ecossistemas através da criação de uma rede a nível nacional que reúna todas as partes interessadas ligadas, direta ou indiretamente, aos polinizadores e à polinização e que promova um trabalho colaborativo envolvendo todas as partes interessadas para uma melhor transferência de conhecimento, formação, educação ambiental e consciencialização. Os seus objetivos principais são reunir a comunidade científica, partes interessadas e sociedade civil ligada, direta e indiretamente, aos polinizadores e à polinização, de forma a promover a partilha de informação e transferência de conhecimento entre todas as partes interessadas e promover a formação de investigadores e cidadãos.

A Rede Colaborativa tem ainda como objetivo o desenvolvimento de um plano de ação a nível nacional para a avaliação, conservação e valorização dos polinizadores, bem como promover a implementação das ações nele propostas, envolvendo todas as partes interessadas num processo de trabalho colaborativo e de comprometimento por parte de todos os intervenientes.

Mais sobre a Rede Colaborativa em Polli.NET,
<https://www.pollinet.pt/>

Besouro-capuchinho (*Heliotaurus ruficollis* (Fabricius, 1781). Fotografia, Sónia Ferreira



BIOECONOMIA



PA
LA
VRA

PASSA

PROGRAMA BAIRROS SAUDÁVEIS MÉRTOLA 3 PROJETOS

O Programa Bairros Saudáveis é uma iniciativa promovida pelo Governo, de natureza participativa, para melhoria das condições de saúde, bem-estar e qualidade de vida em territórios vulneráveis. Lançado em julho de 2020, visa apoiar intervenções locais de promoção da saúde e da qualidade de vida das comunidades territoriais, através de projetos apresentados por “associações, coletividades, organizações não-governamentais, movimentos cívicos e organizações de moradores”. Coordenado por Helena Roseta, o programa recebeu 774 candidaturas que foram analisadas por um júri presidido pelo prof. João Ferrão. Foram aprovados 246 projetos em todo o país, 3 são do concelho de Mértola.



JARDINS TERAPÊUTICOS: _Quem planta seus males espanta!

Entidade Promotora: Associação Terra Sintrópica

Parceiros: Câmara Municipal de Mértola; Juntas de Freguesia; Associação das Terras e Gentes da Dieta Mediterrânica; Associação Montícola.

Financiamento: 49.586,00 €

O projeto Jardins Terapêuticos, apresenta-se como um projeto-piloto de mitigação para a falta de sociabilidade, isolamento social e passividade da população sénior, agravadas pelas medidas de confinamento e distanciamento social impostas pela pandemia COVID. O projeto, parte do potencial ocupacional e terapêutico dos espaços de jardim e da prática da jardinagem para promover a pro-atividade (física, cognitiva e emocional) quer no espaço restrito da casa, quer no contexto comunitário de proximidade do “monte” em que a população-alvo reside.

Em cada “monte” propõe-se o desafio de requalificar paisagisticamente uma zona de jardim, um canteiro ou uma rua com recurso a plantas, flores e árvores, preferencialmente, autóctones e com propriedades terapêuticas reconhecidas pela comunidade local. O processo assenta num modelo de co-criação comunitária, desde a escolha do local, à escolha das plantas, ao trabalho da sua implementação, manutenção e cuidado das zonas de jardim a implantar





_O que vão fazer ...

O meu jardim é assim!

Por todo o concelho proliferam exemplos de pessoas e jardins verdadeiramente inspiradores. Com esta acção pretende-se registar e divulgar esses jardins, bem como, saber da(s) pessoa(s) que o cuidam.

Estórias de flores, ervas e companhia

Reviver a memória das práticas tradicionais locais, partilhadas por meio de estórias orais. Pela escuta, da planta à paisagem, procuramos ampliar a compreensão da comunidade e do território, convocando o conhecimento partilhado no desenho dos jardins a implementar.

Do cuidado à regeneração

Dia de plantação! Dia de unir esforços e vontades, de partilhar conhecimento, práticas e técnicas, dando corpo aos princípios regenerativos que queremos implementar em cada jardim.

O jardim é uma farmácia

Workshops sobre mezinhas, infusões e receitas que incorporam as plantas silvestres e aromáticas, informando sobre os seus usos terapêuticos e dando voz ao saber local.

Caminhadas com conversas: a descoberta dos jardins silvestres

Pequenos itinerários comentados por guia especializado/a em torno do património etnobotânico dos lugares.

Mercadinho de jardins

Propõe-se a itinerância das comunidades participantes entre "montes", visitando os vários jardins terapêuticos propostos. Um dia de celebração, em que se procura dinamizar os novos espaços de encontro e amenidade criados, partilhando saberes e sabores sobre as plantas e as suas propriedades.

Entidade Promotora: Casa do Povo de Santana de Cambas

Parceiros: Câmara Municipal de Mértola; Juntas de Freguesia da Corte Pinto e Santana de Cambas; Centro de Apoio a Idosos da Moreanes; Centro Social dos Montes Altos; Comissão de Moradores da Mina de S.Domingos; Fundação Serrão Martins; Núcleo de Voluntariado de Mértola.

Financiamento: 50.000,00 €



É um projeto de cariz social que visa a promoção do bem-estar biopsicossocial e económico dos cidadãos em situação de maior vulnerabilidade, residentes nas freguesias de Corte do Pinto e Santana de Cambas. Pressupõe uma atuação na proximidade através da utilização de técnicas de intervenção social que contribuam para organizar, disponibilizar e mobilizar serviços e recursos que promovam o desenvolvimento e capacitação dos indivíduos e famílias, mais vulneráveis e afetados pela situação pandémica.

_O que vão fazer ...

Gabinete de Atendimento Social

Atendimento e apoio social a indivíduos e famílias em situação de carência ou disfunção, visando prevenir ou restabelecer o seu equilíbrio funcional, através da mobilização de recursos próprios ou comunitários e do encaminhamento para programas, equipamentos ou serviços de entidades da Rede Social.

Serviço de acompanhamento integrado para comportamentos aditivos e dependências

Sinalização e encaminhamento numa lógica de trabalho em rede para apoio especializado de população com problemas aditivos e dependência.

Cidadania em Movimento

Apoio em itinerância a pessoas idosas em situação de dependência ou isolamento (auxílio na higiene do lar, acompanhamento nas deslocações diárias, pequenas reparações nas habitações e convívio).

Mercado Social

Rede de disponibilização de bens essenciais a famílias e pessoas vulneráveis (alimentares, vestuário, produtos de higiene pessoal, etc) através de créditos próprios, sem utilização de moeda, assente em acordos de parceria estabelecidos com o comércio local, restauração e entidades sociais locais.

Entidade Promotora: Associação Via Criativa
Parceiros: Câmara Municipal de Mértola; Junta de Freguesia de Alcaria Ruiva.

Financiamento: 53.000,00 €



Projeto que visa a implementação de um modelo sustentável de design global, na área do slow fashion, através da criação de uma marca piloto baseada na cultura local, com repercussões de nível social, económico e ambiental, baseada em: 1. Up-cycling de vestuário descartado existente; 2. Integração/revitalização de técnicas artesanais, cultura e património; 3. Co-criação em design, intercâmbio de saberes e design participativo, incluindo atores locais 4. Associativismo intergeracional, pluridisciplinar e institucional 5. Transferência de conhecimento rural/urbano, na dicotomia artesanato/design.

_O que vão fazer ...

Preparação e Design

Processo de Design com: A- lançamento de briefing, B- pesquisa, C- exploração conceptual, D- design e desenvolvimento conceptual das peças e E- realização de protótipos. No processo hermenêutico de Design, as fases podem não ser sequenciais, sendo que o objetivo é conseguir definir protótipos de peças para produção final.

Produção e Refinamento

F - realização da documentação técnica para a produção (desenhos e planeamento), gestão e produção propriamente dita das peças. Definição de imagem, fotografia e packaging para permitir a distribuição e comercialização dos produtos).

Comercialização e Comunicação

Com base nos produtos já conseguidos, e na produção já definida, resolver as questões de imagem, divulgação, comunicação, comercialização, nomeadamente a definição da marca, das estratégias de marketing e distribuição. Website do projeto com a loja on-line para a venda e distribuição global e fazer a comunicação, científica e comercial. Ensaio da continuidade e sustentabilidade do projeto.



SO

CIE

DADDE

RECREATIVA



JOGAR À SUECA

Jogado quase sempre por homens, a Sueca é prática habitual nas coletividades, tabernas, cafés do concelho de Mértola. São vários os torneios que as coletividades organizam e que continuam a ter bastante participação.

REGRAS

Sueca é um jogo de cartas para quatro jogadores em duplas, dois contra dois, com os parceiros sentados opostamente. O baralho tem somente 40 cartas, são removidos 8s, 9s e 10s do baralho padrão. A ordem das cartas em cada naipe, de cima para baixo, é: Às, 7 (também conhecido por manilha), rei, valete, rainha ou dama, 6, 5, 4, 3, 2.

Na Sueca, o objetivo é ganhar cartas que valem pontos.

As cartas valem:

Às 11 pontos

sete..... 10 pontos

rei 4 pontos

valete 3 pontos

rainha ou dama 2 pontos

6 (sena), 5 (quina), 4 (quadra), 3 (terno), 2 (duque)..... 0 pontos

Há 120 pontos somados no baralho.



Baralhar e distribuir jogo

Joga-se no sentido horário. O primeiro “embaralhador” é escolhido aleatoriamente ou a quem sair o primeiro rei depois de distribuídas as cartas pelos jogadores. A pessoa que embaralha passa as cartas para o parceiro para que esse corte o baralho. Este então passa as cartas para quem está a sua direita, que será a pessoa que distribuirá as cartas. O distribuidor tira a última carta do baralho e vira-a, revelando assim o trunfo (que é o naipe da carta virada). Depois disso, ele dá 10 cartas de uma vez só à pessoa à sua esquerda, e continua distribuindo no sentido horário. A carta virada pertence ao distribuidor.

O Jogo

O jogador que começa foi aquele que cortou o baralho. Os outros jogadores devem seguir o naipe jogado pelo primeiro jogador. O jogador que não tiver cartas do naipe puxado pode jogar cartas de qualquer outro naipe, incluindo o trunfo. A carta mais alta do naipe, ou o trunfo mais alto ganha a rodada. O jogador que ganhou puxa o próximo naipe.

Se algum jogador mentir sobre a ausência de algum naipe na sua mão, e for descoberto, diz-se que “renunciou” ao jogo. Então a dupla oponente ganha o jogo automaticamente.

Nenhum sinal é permitido entre os parceiros.

No entanto, há um artifício que impede o início da partida. Se por acaso o jogador que cortou o baralho tiver 10 pontos ou menos na sua mão ele pode baixar o jogo (mandar o jogo abaixo). Assim repete-se toda a operação do início, com diferente “embaralhador”.

Pontuação

O objetivo do jogo é ganhar mais cartas que tenham pontos. A equipa que tiver no fim da partida mais que a metade (+ de 60) dos pontos totais, ganha um ponto. Se conseguir 91 pontos ou mais, a partida valerá dois pontos. Uma partida é composta por várias rodadas. Se uma equipa ganhar todas as rodadas da partida, o jogo termina automaticamente. Isso é conhecido como “dar uma bandeira”, uma “limpa” ou “um pente”.





GAS
& TRO
NOMIA
MERCADOS

O ABC das plantas comestíveis, aromáticas e medicinais

*Programa Nacional para a
Promoção da Alimentação Saudável*

As ervas aromáticas são plantas de pequena dimensão que fazem parte da cultura portuguesa, sendo a Península Ibérica um dos locais mais ricos de espécies identificadas. A sua utilização na cozinha realça significativamente o prazer ligado ao ato de comer, através da diversidade de aromas, cores e sabores que conferem aos alimentos, tornando as refeições mais agradáveis e atraentes. Na Pirâmide da Dieta Mediterrânica, as ervas aromáticas, encontram-se localizadas no grupo dos alimentos de consumo diário, sendo muito utilizadas em saladas, sopas, marinadas, carnes, peixes, chás, compotas, entre outros. No entanto, estas plantas também são conhecidas pelo seu papel na redução do consumo de sal.





O girassol é uma das herbáceas anuais, pertencente à família Asteraceae, mais reconhecidas e adoradas, com a sua floração amarela vibrante que pinta as paisagens alentejanas, durante a época do Verão.

É uma planta que em Portugal ocorre apenas como introduzida (originária da América do Norte), quer para produção da semente ou como espécie forrageira, quer como ornamental, apresentado por isso muitas variedades de diferentes portes, desde os 50cm aos 3m, e cores, entre o amarelo-pálido, o vermelho escuro e outros tons entre estes. Na sua forma mais comum, constitui-se por grandes inflorescências em capítulo, com cerca de 30cm de diâmetro, e folhas distribuídas de forma oposta e cruzada no caule.

As culturas desta espécie ocorrem tradicionalmente em sequeiro, devido à sua elevada capacidade de resistência à seca, e em sistemas de rotatividade com outras culturas, como trigo e cevada. Mas o seu potencial agrícola estende-se também para as hortas, onde esta pode contribuir como auxiliar ou proteção para outras culturas: servindo de barreira contra ventos fortes ou como estacas vivas para culturas trepadeiras como o feijão-verde ou as ervilhas; fornecendo sombra para culturas rasteiras sensíveis ao excesso de sol; e ainda pela elevada capacidade em atrair polinizadores e aves, ajudando no controlo de pragas ou oferecendo alimento alternativo para reduzir o impacto noutras culturas.

As sementes do girassol são, ainda assim, o principal produto desta planta. Podem ser consumidas tanto cruas (por exemplo

G de Girassol

Helianthus annuus

em saladas ou sobremesas) como assadas (encontrando-se assim as populares “pipas”), apresentando diversos benefícios nutricionais através das gorduras insaturadas, fibras, proteínas, vitaminas e minerais que possuem. Entre os múltiplos benefícios, destacam-se os para a circulação dos sistemas cardiovascular e intestinal. Destaca-se ainda os efeitos do óleo de girassol, subproduto das sementes, que além dos seus usos culinários e de manter os benefícios das sementes, apresenta ainda propriedades cosméticas/medicinais que podem contribuir para a saúde da pele e do cabelo.

Curiosidades...

Os girassóis são ainda reconhecidos pela sua capacidade de “se mover com o sol”, um fenómeno que tem o nome de heliotropismo. E apesar de na cultura popular esse fenómeno ainda estar muito presente, na realidade as plantas apenas acompanham o sol numa fase mais jovem, sendo que a partir do início da maturação e aparecimento das inflorescências, estas estabilizam e mantêm a orientação constante. Contudo, a relação desta planta de “adoração” ao sol, é verdade, sendo a luz fundamental para o desenvolvimento saudável dos girassóis.

Texto de Associação Montícola
Francisco de Sousa (Arquiteto Paisagista)

Figos secos

Por Manuel Passinhas, CMM

Desde tempos imemoriais, o Homem sentiu a necessidade de conservar os alimentos para seu próprio sustento. Ao longo dos séculos, foram desenvolvidas técnicas mais ou menos sofisticadas, conforme os alimentos a conservar. A relação do meio ambiente, dos utensílios próprios para a conservação, assim como a adição de produtos, foram desenvolvidos de modo a criar equilíbrios e a prolongar as qualidades dos alimentos para além da sua época. Estes processos, artesanais, foram, ao longo do tempo, transmitidos de geração em geração e transportados até aos dias de hoje, época em que o uso de câmaras frigoríficas e de produtos artificiais rompe de vez com os processos artesanais, emprestando novas formas de cozinhar, por vezes com outros paladares, contribuindo para a instalação de hábitos alimentares diferentes. Para que os processos artesanais de tradição não desapareçam por completo, cabe-nos a responsabilidade de os recolher junto daqueles que os experienciaram, no caminho da sua própria sobrevivência, e assim fazer prolongar no tempo memórias com raízes ancestrais.

A escassez e a carestia de determinados alimentos, como a carne, fizeram com que as camadas mais pobres da população trabalhadora desta região procurasse fontes energéticas alternativas como o caso do figo, rico em açúcar e possuindo potássio, cálcio, fósforo, sódio, magnésio, cloro e ferro. A sua fácil conservação, através da secagem, permite o seu consumo ao longo de todo o ano.

A origem da sua presença entre nós perde-se no tempo. Sabe-se que em época romana já teria uma importância relevante. Entretanto, vestígios arqueobotânicos, datados do séc. XII, encontrados nas escavações arqueológicas da Alcáçova do Castelo em Mértola, atestam a presença, com alguma vulgarização, do figo. Fomos até aos Fernandes, à fala com a D. Rosa Lourenço, uma mulher sempre cheia de afazeres que, em tempos, fazia a seca do figo que colhia das figueiras do tempo do seu avô, e que ainda estão ali, junto ao barranco da Moura, nas profundezas de um vale escarpado próximo da vila.



Loja
da Terra

Rosa Maria Lourenço

84 anos, Fernandes

_Figos Passados

“A minha mãe e o meu pai já faziam figos passados.

Em pequenina já eu ia apanhar figos com a minha mãe. Íamos ali ao lado do barranco da Moura e levávamos lá o Verão apanhando figos. Tínhamos 90 figueiras! Agora os pássaros comem os figos, não há quem os apanhe e como não têm trigo nem cevada comem os figos.

As figueiras eram ainda do tempo do meu avô, agora algumas já estão secas. Lá ao pé, o meu pai semeava cevada e trigo, tinha aquilo sempre limpo.



Dos figos, os melhores vinham para a vila, em cestos, (não havia cá baldes!) era sempre em cestos de cana. Vinham tapados com umas folhas da própria figueira.

Dos figos, os melhores vinham para a vila, em cestos, (não havia cá baldes!) era sempre em cestos de cana. Vinham tapados com umas folhas da própria figueira.

Íamos à feira de S. Mateus, havia uma rua cá de baixo até à do Sr. Manuel André, era a rua dos cestos e das canastras; a outra era a da louça de barro, a rua das laranjeiras era a das mantas de lã e dos bolos que vinham do Algarve. Antigamente a feira de S. Mateus era uma feira de muito valor, agora não... E lá íamos vender! A minha mãe gostava de vender o que era bom, escolhia os melhores e os que tinham o pé mais torcido não iam. A minha mãe sempre trazia um panito que comprava na praça. Comprava também à do Sr. Leal e comprava o cabaz para o meu pai à da Sra. Amália. Tudo com o dinheirinho dos figos.

Os figos que tinham o pé torcido iam para secar.

O meu pai ia com a foice e ceifava juncos com que fazia uma cama para pôr os figos a secar. Outras pessoas, as que tinham mais vagar, faziam uma armação com paus de um lado e outro e depois atavam os juncos com um baraço. O meu pai fazia a cama de juncos no chão e quando caía algum orvalho ou alguma brandura tapava os figos com juncos.

Quando os figos já estavam bons para se tirarem da cama de juncos, quando já tinham feito a enxuga, punham-se num cesto. Depois, punha-se um tacho cheio de água a aquecer na borralheira e assim que estivesse quente juntava-se um pouco de funcho, um bocadito de azeite, pouco, porque na altura não havia muito. Depois, pouco a pouco, iam-se colocando os figos no tacho.



Assim que estivessem um bocadito dentro daquela água tiravam-se e punham-se num cesto a escorrer, iam novamente para a cama de juncos e aí secavam do banho que tinham levado.

Depois de secos, a minha mãe guardava-os numa arca que fechava a cadeado para a gente não os comer. Se não fosse assim não tinha nada para aviar ao meu pai quando ele andasse lavrando. Vinha o mês do Natal...a noite do menino e tínhamos um prato cheio de figos (agora é só chocolates mas na altura não!) e outro de bolotas que a gente ia apanhar ali ao pé do Chaparral. Era assim a noite do menino...e era assim a nossa vida...desgraçada!

Também apanhava amêndoas nos coutos que vendia na feira de Mértola. E uvas... uvas coração de galo que iam a secar penduradas numa vara. Também as vendíamos e comíamos na noite do menino.

Na altura, quando íamos a Mértola vender, passávamos na barca, outras vezes numa lanchinha. Foi uma vida... antiga... verdadeira. É a minha história. Está tudo aqui na minha cabeça. Estas coisas são más de esquecer..."

Na altura, quando íamos a Mértola vender, passávamos na barca, outras vezes numa lanchinha. Foi uma vida... antiga... verdadeira. É a minha história. Está tudo aqui na minha cabeça. Estas coisas são más de esquecer..."

Sopas de Cação



RECEITA DE SÉRGIO MARQUES

Ingredientes (4px):

8 postas de cação; 4 dentes de alho; 1 folha de louro; 3 cebolas médias; 1 colher de farinha; coentros (qb); sal(qb); azeite (qb); vinagre(qb)

Modo de confecção:

Deixa-se o peixe a marinar em água, sal, vinagre e louro cerca de 2 horas.

Faz-se um refogado com o azeite, os alhos e a cebola. Quando estiver uniforme juntam-se os coentros e tritura-se.

De seguida retira-se o peixe da marinada e demolha-se a farinha num pouco daquele molho e vai-se adicionando a restante marinada pouco a pouco e de seguida o cação (retifica-se o sal).

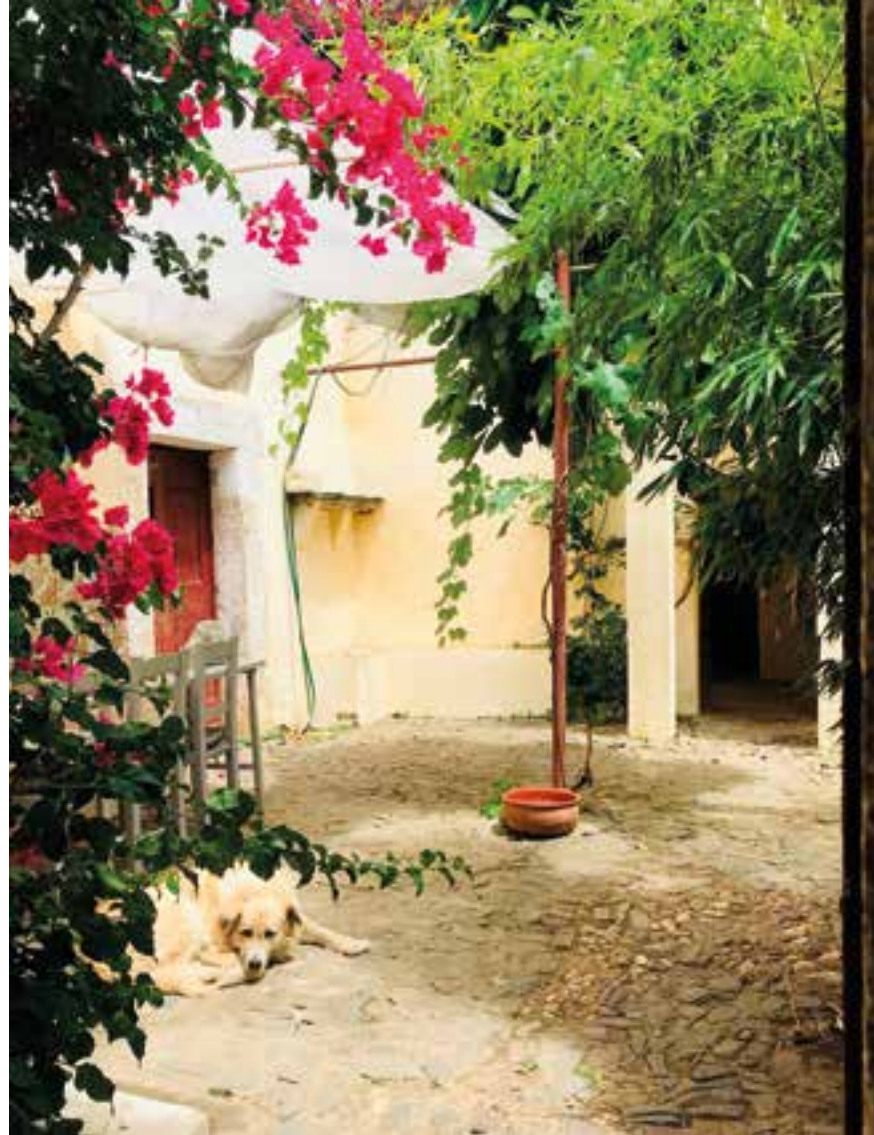
Por fim junta-se o refogado ao preparado e deixa-se cozinhar 15 minutos.

Servir com pão frito.

Lugar de uma estética ímpar, abundante em energia espiritual e tranquilidade. O convento de S. Francisco de Mértola é um edifício de matriz religiosa do séc. XVII, que terminou a sua atividade monacal em 1834, com a extinção oficial das ordens religiosas. Durante cerca de 150 anos esteve ao abandono, até aos anos 80 do século XX, quando foi adquirido pelo casal holandês Geraldine e Kees Zwanikken que gradualmente promoveram a sua reconstrução, reconvertendo-o num espaço dedicado à ecologia, à arte e à cultura. Quando se encantou por Mértola e pelo Convento, Geraldine Zwanikken era bailarina do Dutch National Ballet em Amsterdão.

Ao longo de décadas, o Convento e o seu espaço envolvente foram alvo de um cuidado processo de restauro e regeneração, que transformou a ruína e a paisagem árida que a envolvia numa casa, reserva natural, jardim botânico, museu da água, residência para artistas e espaço de meditação, contemplação e ação cultural.

O Convento de Mértola, promove a investigação experimental entre arte, ciência e educação em tecnologias e práticas integrativas da ecologia humana passada, presente e futura. Promove programas residências para profissionais nas mais diversas áreas culturais e científicas, oferecendo áreas de trabalho para artistas, designers, autores, músicos, cineastas, professores e cientistas.



Convento de Mértola

A center for study on art, ecology and biodiversity

Um centro de estudos sobre arte, ecologia e biodiversidade



A Capela encontra-se transformada num espaço galeria atelier dedicado à exposição da atividade artística do Convento. Aqui é possível ver várias obras de Geraldine Zwanikken e Christiaan Zwanikken, filho de Geraldine, renomado artista internacional de cinética, robótica e biotecnologia.

O Convento é rodeado por uma extensa área de paisagem natural constituída por um misto de jardim botânico, pomar e horta. Toda esta área é mantida bio dinamicamente, livre de inputs químicos e com enfoque na relação entre a terra e as forças da natureza, terrenas e cósmicas. Um denso coberto arbóreo com árvores muito diversas (ciprestes, oliveiras, azinheiras, nespereiras, romãzeiras, ameixeiras, ...), combinadas com videiras, plantas aromáticas, ornamentais e hortícolas conferem ao lugar um microclima de frescura contrastante com a aridez circundante.

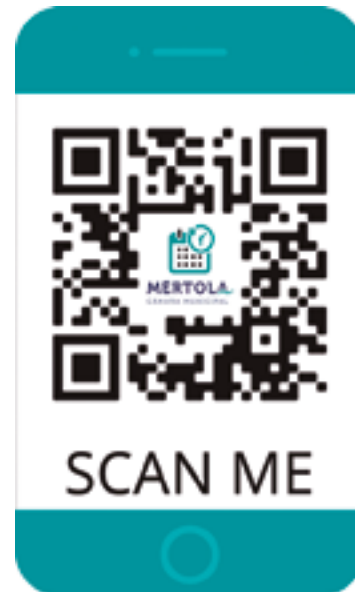


Os jardins são dotados de um antigo sistema de rega ligado a uma antiga nora que se diz de raiz islâmica. O emaranhado de canais de rega é alimentado pela água que a nora providencia na sequência do movimento rotativo dos alcatruzes entre o fundo do poço e a superfície exterior. Tradicionalmente as noras são engenhos de tração animal, mas esta é movida graças a um "burro mecânico" da autoria do artista residente Christiaan Zwanikken.

A área possui ainda um conjunto de observatórios para aves, destacando-se neste capítulo a colónia de peneireiro-das-torres (*Falco naumanni*).

Para mais informações e reserva de visitas
<https://conventomertola.com/>





App Agenda desdobrável

Agora para ficar a par de toda a agenda cultural de Mértola, pode descarregar a app agenda cultural. Pode seleccionar os eventos que não quer perder, receber notificações. Vá às app stores IOL e Android e descarregue Agenda Cultural Mértola.

propriedade

Câmara Municipal de Mértola

edição

Divisão de Cultura e Património, Desporto e Juventude

tiragem

1500 exemplares

periodicidade

trimestral

distribuição gratuita

Se desejar enviar alguma informação para eventual inserção na próxima edição da Agenda Cultural de outubro, novembro e dezembro de 2021 pode fazê-lo até dia 10 de setembro de 2021, através do Fax: 286 610 101, e-mail: geral@cm-mertola.pt ou por carta para Câmara Municipal de Mértola, Divisão de Cultura e Património, Desporto e Juventude, Praça Luís de Camões, 7750 -329 Mértola.

Versão digital em:
www.cm-mertola.pt



MÉRTOLA
CÂMARA MUNICIPAL